

livro de daniel

Cecil N Wright

Introdução

A visão tradicional é que o Livro de Daniel foi escrito pelo próprio Daniel, ou então ditado por ele, no século V aC. Isso é contestado pelos críticos modernos, no entanto, que não acreditam em profecia preditiva, durante grande parte da segunda metade do século o livro e uma parte da primeira metade consiste nisso. Assim, eles sugerem que foi escrito em algum momento na primeira metade do segundo século aC por algum autor desconhecido, atribuindo-o a um personagem chamado Daniel, e que a maior parte do que foi representado como preditivo já era história - mas não se esperava que isso acontecesse. Ser amplamente lido em breve para ser contestado como previsão. Da mesma forma, eles questionam a credibilidade de quaisquer lugares onde possa haver problemas de corroboração com a história secular conhecida e afirmam que são apenas lendários. Mas é claro,

O autor dessas notas acredita que a visão tradicional provou ser muito mais provável do que a dos céticos, e a aceita como tal. Os críticos prestam um serviço, no entanto, ao nos forçarem a investigar os fundamentos de nossa fé, em vez de aceitá-la de maneira meramente crédula, e a reconhecer quaisquer áreas problemáticas que possam existir. Estas referem-se principalmente a lacunas na informação (características tanto da história secular quanto da bíblica tão antiga), que nem o crente nem o cético estão em posição de suprir ainda. Mas, repetidas vezes, os céticos se lançaram sobre como invalidar a visão tradicional dos crentes, apenas para ter informações seculares descobertas mais tarde para autenticá-las. Parte disso é verdade com referência ao próprio livro de Daniel. Até agora, o tempo tem estado muito a seu favor. E Daniel pessoalmente é atestado por nosso Senhor como sendo seu autor e profeta (Mateus 24:15). em todas as lacunas do primeiro ou compreender todos os últimos. Áreas problemáticas específicas com as quais podemos nos preocupar serão, no entanto, na maioria das vezes observadas em conexão com um resumo do livro em si, e não aqui.

O livro é composto por 12 capítulos, sendo o primeiro uma introdução a todo o documento. Os primeiros seis capítulos são de incidentes históricos relacionados a Daniel e três amigos que foram levados ao cativeiro babilônico de Judá, e são escritos na terceira pessoa. Os últimos seis capítulos, escritos principalmente na primeira pessoa, registram vários sonhos de Daniel (e às vezes sua interpretação) pertencentes (1) a diferentes nações e impérios que afetaram a história de Israel, e também (2) a um reino que Deus estabeleceria que permaneceria para sempre, enquanto os outros seriam destruídos. Os primeiros seis são essenciais para tornar os últimos seis inteligíveis. Por alguma razão, entretanto, não explicada no teste, totalmente alheia a qualquer distinção estrutural e para a qual nenhuma explicação completamente satisfatória foi oferecida, Capítulo 2: 4b até o capítulo 7 está escrito em aramaico (ou, sírio ou caldeu), a língua da terra de seu cativeiro, e o restante em hebraico, sua língua nativa. O Livro de Esdras, dirigido aos exilados que retornaram à Judéia, é igualmente escrito assim - capítulo 4:8 até 6:18 e 7:12-26, em aramaico.) Adam Clarke, no entanto, diz de forma bastante plausível sobre Daniel: "Como os caldeus tinham um interesse particular tanto na história quanto nas profecias do capítulo ii. 4 até o final do capítulo vii. referem-se à Igreja e ao povo de Deus em geral, estão escritos na língua hebraica, sendo esta a língua na qual Deus escolheu revelar todos os seus conselhos dados no Antigo Testamento em relação ao Novo". a língua da terra de seu cativeiro, e o restante em hebraico, sua língua nativa. O Livro de Esdras, dirigido aos exilados que retornaram à Judéia, é igualmente escrito assim - capítulo 4:8 até 6:18 e 7:12-26, em aramaico.) Adam Clarke, no entanto, diz de forma bastante plausível sobre Daniel: "Como os caldeus tinham um interesse particular tanto na história quanto nas profecias do capítulo ii. 4 até o

final do capítulo vii. referem-se à Igreja e ao povo de Deus em geral, estão escritos na língua hebraica, sendo esta a língua na qual Deus escolheu revelar todos os seus conselhos dados no Antigo Testamento em relação ao Novo". a língua da terra de seu cativo, e o restante em hebraico, sua língua nativa. O Livro de Esdras, dirigido aos exilados que retornaram à Judéia, é igualmente escrito assim - capítulo 4:8 até 6:18 e 7:12-26, em aramaico.) Adam Clarke, no entanto, diz de forma bastante plausível sobre Daniel: "Como os caldeus tinham um interesse particular tanto na história quanto nas profecias do capítulo ii. 4 até o final do capítulo vii. referem-se à Igreja e ao povo de Deus em geral, estão escritos na língua hebraica, sendo esta a língua na qual Deus escolheu revelar todos os seus conselhos dados no Antigo Testamento em relação ao Novo".

Esses dias gloriosos não podem chegar até que tenha passado um período muito mais sombrio do que qualquer outro conhecido. De fato, assim como os escritos de Isaías e Jeremias levaram os israelitas a esperar um cativo, os de Daniel o levaram a esperar um período de perseguição após o retorno do exílio; mas, ao mesmo tempo, eles o confortaram com a certeza de que a duração da perseguição não seria maior do que a misericórdia de Deus permitiria aos seus servos suportar." E depois de discutir mais duas razões, ele resume com uma única frase, como segue :

Até certo ponto, Daniel foi para o Antigo Testamento o que Apocalipse é para o Novo Testamento. Na verdade, parte do simbolismo do último é extraído do primeiro. Além disso, enquanto a maior parte do Apocalipse é de natureza apocalíptica, uma parte de Daniel também é. Na verdade, parece ter dado o tom para uma onda de apocalipses não inspirados em tempos difíceis do segundo século aC até o segundo século dC.

Apenas um resumo ou visão geral capítulo por capítulo será dado agora, exceto quando as notas explicativas podem parecer necessárias para maior clareza, compreensão adequada ou ênfase especial.

Capítulo 1

NABUCODONEZAR

Capítulo 1: No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá (607 aC), Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém e a sitiou. Entre os cativos levados (606 aC) estavam Daniel e três companheiros da "semente real e dos nobres", que receberam treinamento especial para servir na corte e no governo de Nabucodonosor, e encontraram grande favor do rei, apesar de sua independência e lealdade a Deus. Daniel continuou "até o primeiro ano do rei Ciro" (536 aC, depois que o reino da Babilônia caiu para os medos e persas em 538 aC). De fato, menciona-se até uma visão recebida por Daniel no "terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia" (10:1), o que significa que ele ainda estava vivo em 534 ou 533 aC, mas não significa necessariamente que ele ainda era um parte do governo então. Ele continuou durante os reinados dos reis babilônicos Nabucodonosor (605-562 aC), Evil-Merodaque (562-560 aC), Negriglissar (560-? aC), Nabonido (55-538 aC) e Belsazar (filho de Nabonido e co-regente, morto em 538 aC); depois, durante o reinado de Dario, o Medo (538-536 aC) e no reinado de Ciro, o persa, sobre a Babilônia (536-530 aC) - mais de 70 anos. (Para o último, veja 5:31; 6:28.)

Nabucodonosor era filho de Nabopolassar, o primeiro rei da dinastia caldeia (625-605 aC), e serviu como líder dos exércitos de seu pai nos últimos anos da vida deste último. Ele também havia se casado com uma filha de Cyaxares, rei dos medos, com quem seu pai havia feito uma aliança politicamente muito importante. Evil-Merodach, mencionado acima como seu sucessor, era seu filho. Belsazar, também mencionado acima como seu último sucessor, não era seu filho, embora fosse referido como o pai de Belsazar (5:2, 11, 18). Isso pode ter sido apenas no sentido de ele ser seu predecessor mais distinto, não um ancestral. No entanto, seu pai, Nabonido, parece ter se casado com uma filha de Nabucodonosor, mas depois que Nabonido se tornou rei e Belsazar já era adulto. Então, ele teria sido meio-neto de Nabucodonosor e, nesse sentido,

O nome anterior Belsazar não deve ser confundido com Beltesazar, o nome caldeu dado a Daniel. Os três companheiros judeus de Daniel - Hananias, Misael e Azarias - também receberam os nomes de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego.

Capítulo 2: No segundo ano do reinado de Nabucodonosor, ele teve um sonho perturbador do qual não conseguia se lembrar, e Daniel revelou o sonho e sua interpretação recebida por ele em uma visão noturna. Era uma grande imagem, com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés parte de ferro e parte de barro; e uma pedra foi cortada de uma montanha sem mãos, que feriu a estátua em seus pés e quebrou todas as suas partes em pedaços que se tornaram como palha e foram levados pelo vento, com a pedra tornando-se uma grande montanha que encheu toda terra. A imagem representava quatro reinos ou impérios mundiais sucessivos - babilônico (liderado por Nabucodonosor), medo-persa, grego e romano - cada sucessor tendo superado seu predecessor e feito parte de si mesmo.

Capítulo 3: Nabucodonosor, o rei, fez uma enorme imagem de ouro, erigiu-a na planície de Dura, na província da Babilônia, convidou todos os notáveis de seu reino para estarem presentes em sua dedicação e ordenou a todos os presentes que se prostrassem no som de música e adorar a imagem de ouro ou então na mesma hora ser lançado em uma fornalha de fogo ardente. Os três amigos de Daniel se recusaram a obedecer e foram lançados na fornalha ardente aquecida sete vezes mais do que o normal, mas foram unidos por um anjo e libertados sem danos, resultando em sua promoção no reino e um decreto de Nabucodonosor contra qualquer um que dissesse algo contra seu Deus. . (O próprio Daniel não é mencionado neste contexto. Pode ser que seus deveres exigissem que ele estivesse em outro lugar em vez de presente nesta ocasião.) A data para o que foi dito acima não é indicada.

Capítulo 4: Nabucodonosor teve outro sonho perturbador que ninguém além de Daniel pôde interpretar. Era de uma árvore poderosa ordenada a ser cortada e destruída, exceto seu toco e raízes, em meio à grama tenra e aos animais do campo, e ser molhada com o orvalho do céu por sete anos. A árvore representava o próprio rei, que ficaria louco e seria expulso dos homens, sua morada seria com os animais do campo, onde ele comeria capim como um boi e se molharia com o orvalho do céu, por sete anos, até ele deve saber "que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer". A ordem de deixar o toco e as raízes da árvore significava que o reino seria garantido a Nabucodonosor "depois disso saberás que os céus governam".

O precedente também não tem data, mas dentro de um ano começou a acontecer. Caminhando no palácio real da Babilônia, Nabucodonosor disse: "Não é esta a grande Babilônia, que edifiquei para minha morada real, com a força de meu poder e para a glória de minha majestade?" Estando ainda a palavra em sua boca, ouviu-se uma voz do céu: "Ó rei Nabucodonosor, a ti se diz: Abandonou-se de ti o reino, e serás expulso dentre os homens, e a tua morada será com os animais. do campo; comerás erva como os bois; e passar-se-ão sete tempos sobre ti, até que saibas que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer. Naquela mesma hora, ele foi expulso dos homens. Seu cabelo cresceu como penas de águia, e suas unhas eram como garras de pássaros.

No final do tempo designado, sua compreensão voltou e ele reconheceu e exaltou o Deus do céu - entre outras coisas, dizendo "todas as suas obras são verdade, e seus caminhos, justiça; e aqueles que andam na soberba, ele é capaz de rebaixar" (v. 37). Seu reino também foi restaurado à sua antiga glória, "e excelente grandeza foi acrescentada" a ele (v. 36). Ao todo, ele reinou 43 anos (605-562 AC).

Capítulo 5: Belsazar, meio-neto de Nabucodonosor e último rei caldeu da Babilônia, deu um grande banquete para mil de seus senhores - que sabemos de outras fontes ter sido no ano 538 aC Enquanto bebia vinho diante de seus convidados, ele ordenou que os vasos de ouro e prata que seu "pai" Nabucodonosor havia tirado do templo em Jerusalém fossem trazidos; e ele e seus senhores, suas esposas e suas concubinas, bebiam deles

enquanto louvavam "os deuses de ouro e de prata, de latão, de ferro, de madeira e de pedra" - um ato obviamente deliberado de escárnio e desafio contra o Deus do céu e dos judeus. "Na mesma hora, surgiram os dedos da mão de um homem e escreveram contra o candelabro no gesso da parede do palácio do rei." O rei viu a mão que escreveu, embora ele não pudesse ler o que estava escrito e estivesse tão assustado que "as juntas de seus lombos se soltaram e seus joelhos batiam um contra o outro". Falando aos sábios da Babilônia, ele prometeu a qualquer um que lesse e interpretasse a caligrafia que ele seria feito "o terceiro governante no reino" - seu pai, Nabonidus, sendo o primeiro a se aposentar nos anos anteriores, e ele próprio segundo como co-regente. Mas quando ninguém podia ler ou interpretar a escrita e não apenas o rei ficou muito perturbado, mas seus senhores também ficaram perplexos, a rainha (provavelmente a madrasta de Belsazar), ao ouvir sobre o assunto, entrou na casa de banquete e ordenou ao rei não se preocupe mais, mas mande chamar Daniel, que havia servido a Nabucodonosor em tal capacidade e agora "mostraria a interpretação" para Belsazar. Quando Daniel foi trazido, ele interpretou o sonho desfavoravelmente como significando: "Deus contou o teu reino e deu fim a ele; foste pesado na balança e achado em falta; o teu reino foi dividido e dado aos medos e aos persas.", Bellshazzar, no entanto, ordenou que Daniel fosse vestido de púrpura, uma corrente de ouro colocada em seu pescoço, e a proclamação de que ele deveria ser o terceiro governante no reino. Aquela noite, no entanto, foi fatídica. Pois nele Belsazar foi morto, e "Dario, o Medo, recebeu o reino" (vs. 30-31). e pôs fim; fostes pesado na balança e achado em falta; teu reino está dividido e dado aos medos e persas", Bellshazzar, no entanto, ordenou que Daniel fosse vestido de púrpura, uma corrente de ouro colocada em seu pescoço e proclamado que ele deveria ser o terceiro governante no reino. Naquela noite, no entanto, foi fatídica, pois nela Belsazar foi morto, e "Dario, o Medo, recebeu o reino" (vs. 30-31). e pôs fim; fostes pesado na balança e achado em falta; teu reino está dividido e dado aos medos e persas", Bellshazzar, no entanto, ordenou que Daniel fosse vestido de púrpura, uma corrente de ouro colocada em seu pescoço e proclamado que ele deveria ser o terceiro governante no reino. Naquela noite, no entanto, foi fatídica, pois nela Belsazar foi morto, e "Dario, o Medo, recebeu o reino" (vs. 30-31).

A identidade de "Darius the Mede" colocou um problema para os escritores e historiadores. Darius era um nome persa bastante comum. Mas, neste caso, ele é chamado de "o medo" como se o distinguísse de outros governantes pelo nome de Dario. Ocorre novamente em 11:1 e em 9:1, onde ele é chamado de "Dario, filho de Assuero, da semente dos medos, que foi feito rei dos caldeus". E o livro apócrifo Tobit fala de "Assuero, rei da Média", que participou da destruição de Nínive (14:15). O Assuero dessas referências, no entanto, não é considerado o Assuero do Livro de Ester, que reinou sobre a Pérsia e a Média (1:1-3), e acredita-se que tenha sido o rei persa Xerxes I da história (486 -465 aC). Este último era filho de Dario I, o Grande (522-486 AC), mencionado em Esdras 4: 5; 5:6-7; 6:1; Ageu 1:1; Zacarias 1:1, e de Atossa, filha de Ciro II, o Grande (559-530 AC), mencionada em 2 Crônicas 36:22-23; Esdras 1:1-4, 7-8; 5:13-17; 6:3; Isaías 44:28; 45:1; Daniel 1:21; 6:28; 10:1 -- ambos eram reis persas. Por um tempo após a aliança dos medos e persas, os medos eram os mais fortes, e seu nome era mencionado primeiro, mas nos dias de Ciro, o Grande, os persas tornaram-se mais fortes e seu nome mencionado primeiro, como no Livro de Ester.

Uma vez que temos apenas fragmentos de informação tanto nas escrituras quanto na história secular, e não o suficiente em alguns casos para juntá-los satisfatoriamente, a especulação humana tem sido abundante e contraditória. Uma visão amplamente aceita é que Dario, o Medo, e Ciro, o Grande, eram a mesma pessoa, às vezes chamados por um nome e às vezes pelo outro. Baseia-se principalmente no fato de que Mandane, filha de Astíages, rei dos medos (585-550 aC), casou-se com Cambises I, rei dos persas (600-559 aC), e que Ciro II, rei da Pérsia (559 aC) -530 aC), era filho deles, meio persa e meio medo. Acredita-se, portanto, que quando ele foi chamado de Dario, ele também foi designado como Medo, a fim de distingui-lo de outros reis da Pérsia que se chamavam Dario, mas não eram de origem mediana nem persa. Essa visão também considera Assuero em Daniel 9:1, pai de Dario, como outro nome de Astíages, o avô mediano de Ciro, o Grande, o que parece estar correto. Na verdade, tudo parece bastante plausível, exceto por uma coisa: não cuida da distinção feita

por Daniel entre o reinado de Dario (o Medo) e o reinado de Ciro, o Persa (6:28), sendo o primeiro parecendo preceder o último.

Alguns gostariam de descartar a informação de Daniel como sendo imprecisa, e que simplesmente não havia nenhum Dario, o medo - já que nenhum é mencionado por esse nome na história secular. No entanto, a posição de Daniel era tal que ele deveria saber melhor do que seus críticos podem saber no momento, apenas com os pedaços de informação que chegaram até nós para juntar. E há ainda outra possibilidade altamente digna de consideração.

Primeiro, diz-se que os antigos historiadores Xenofonte, Heródoto e Berosus relataram a queda da Babilônia assim: "Ciro desviou o Eufrates para um novo canal e, guiado por dois desertores, marchou pelo leito seco para a cidade, enquanto os babilônios estavam farreando em uma festa de seus deuses." Em segundo lugar, as inscrições encontradas em tempos relativamente recentes afirmam que o exército persa sob o comando de Gobrias tomou a Babilônia sem uma batalha, que ele matou o filho do rei (que era Belsazar e co-regente) e que Ciro entrou mais tarde. Terceiro, Dario é considerado por muitos como Gobryas, que foi nomeado nas tabuinhas babilônicas como o conquistador da Babilônia; pois Josefo diz que este Dario era filho de Astíages (que era um medo) e tinha outro nome entre os gregos (Antiguidades, X, 11:4). Também na mesma conexão, ele o chama de parente de Ciro, o que era verdade se ele fosse filho de Astíages, pois Ciro era neto de Astíages, conforme observado no parágrafo acima sobre a autoridade do antigo historiador Heródoto. Portanto, Dario pode ter sido tio de Ciro e um dos generais de seu exército e, como tal, ter liderado para Ciro o exército que conquistou a Babilônia - também ter recebido o reino e reinado por Ciro enquanto este estava ocupado com suas guerras do norte e do oeste.

Embora não livre de conjecturas, o que precede não é apenas uma possibilidade, mas também altamente plausível, e pode até explicar a menção da idade de Dario que, presumivelmente, era maior que a de Ciro. De todas as soluções que foram propostas, é a explicação mais simples conhecida por este escritor que explica mais, se for verdade. É, portanto, oferecida como a hipótese mais provável até e a menos que seja refutada por evidências que ainda não tenham chegado ao conhecimento do autor destas notas.

Capítulo 6: Dario teve o prazer de estabelecer o reino (dos medos e persas, que agora incluía a Babilônia). 120 "sátrapas" (ou governadores provinciais), e sobre eles três presidentes, dos quais Daniel era um. Daniel tornou-se "mais importante do que os presidentes e sátrapas, . . . e o rei pensou em colocá-lo sobre todo o reino". Isso levou a ciúmes e intrigas contra ele, e a enganar o rei para lançá-lo na cova dos leões. Mas ele foi divinamente protegido, e o rei então lançou seus acusadores e suas famílias na cova dos leões, onde sofreram o destino que haviam planejado para Daniel. Indo além, Dario escreveu um decreto a todos os povos de seu reino que "em todo o domínio do meu reino os homens tremem e temem diante do Deus de Daniel". E "Daniel prosperou no reinado de Dario,

Capítulo 2

BELSAZAR

Capítulo 7: No primeiro ano do reinado de Belsazar, co-regente da Babilônia (possivelmente 556-55 aC), Daniel teve um sonho especial e visões que ele colocou por escrito. Eles pertenciam aos quatro reinos sobre os quais Nabucodonosor havia sonhado (capítulo 2) - ou seja, o babilônico, impérios medo-persa, grego e romano. No sonho de Daniel, eles foram representados como quatro grandes animais - um leão com asas de águia; um urso; um leopardo que tinha nas costas quatro asas de pássaro; e o quarto sem nome, mas descrito como "terrível e poderoso e extremamente forte, com grandes dentes de ferro; . . . e tinha dez chifres". Eles

também são descritos como tendo "subido do mar" (v. 3) - evidentemente "do grande mar" ou do Mediterrâneo (v. 2).

Daniel contemplou até que os tronos foram colocados (ou derrubados [KJV]) "e um que era ancião de dias se sentou", cujo "trono era de chamas de fogo, e as rodas dele queimavam fogo" - como uma carruagem de fogo - "e uma corrente de fogo brotou e saiu de diante dele." Ele foi ministrado por "milhares de milhares" e diante dele estava "dez mil vezes dez mil". "O julgamento foi estabelecido e os livros foram abertos." Daniel continuou contemplando "até que a besta [aparentemente a quarta] foi morta e seu corpo destruído, e foi entregue para ser queimado no fogo". O domínio das outras bestas "foi levado embora: ainda assim suas vidas foram prolongadas por uma estação e um tempo." (Isto é, cada um dos três primeiros reinos sucessivos foi assumido por seu sucessor e continuou como parte dele, mesmo no Império Romano.)

Em suas visões noturnas, Daniel também viu alguém semelhante a um filho do homem vindo com as nuvens do céu, sendo levado perante o ancião de dias, e dado "domínio, e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e línguas devem servi-lo: seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e seu reino, que não será destruído". Isso corresponde ao reino a ser estabelecido pelo Deus do céu e representado no sonho de Nabucodonosor por uma pedra cortada de uma montanha sem mãos, ferindo e destruindo a imagem simbolizando os quatro reinos mencionados acima, tornando-se uma grande montanha que preenche toda a terra, e nunca para ser destruído (Capítulo 2).

Em uma das visões de Daniel "estava marcado o juízo" (v. 10), e em outra, foi dito que "o julgamento será estabelecido" (v. 26); mas os contextos indicam que o julgamento final no fim do mundo não foi intencional. Em ambos os casos, parece que foi um julgamento contra o quarto animal, para "tirar o seu domínio, consumi-lo e destruí-lo até o fim" e dar "o reino e o domínio, e a grandeza dos reinos sob todo o céu... ao povo dos santos do Altíssimo: [cujo] reino é um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão." (vs. 26-27).

(De acordo com a Crônica de Nabonido, ele "confiou o exército e a realza" da Babilônia a Belsazar por volta de 556 aC, enquanto ele próprio fazia campanha na Arábia central - onde também permaneceu muitos anos e raramente, ou nunca, na própria Babilônia. Parece, portanto, que Daniel data o reinado de Belsazar desde o tempo que acabamos de mencionar.)

Capítulo 8: No terceiro ano do reinado de Belsazar (cerca de 554-53 aC), Daniel teve outra visão - de um carneiro e um bode - explicado por Gabriel. O carneiro, que representava o reino dos medos e persas, tinha dois chifres, um representando os medos, e o outro, que subia por último e era mais alto, representando os persas. E o bode, que representava o reino grego, se enfureceu contra o carneiro com fúria invencível, quebrando seus dois chifres, derrubando-o e pisoteando-o. Então o bode, que parece ter tido apenas um chifre para começar - um grande (entre os olhos) - se ampliou excessivamente; e quando ele era forte, o grande chifre foi quebrado e outros quatro chifres notáveis surgiram em direção aos quatro ventos do céu. O grande chifre (o primeiro rei do império grego [v. 21] obviamente foi Alexandre, o Grande, que conquistou a Medo-Pérsia. E os quatro chifres representavam quatro reinos nos quais seu domínio seria dividido entre quatro de seus generais após sua morte (323 aC) -- Macedônia e Grécia indo para Cassandro (após a morte de seu pai, Antípatro, 319 aC); A Trácia e, posteriormente, a Ásia Menor, até Lisímaco (323 e 301, respectivamente); a Síria e todo o Oriente, até Seleuco (312 aC); e o Egito e a Líbia, até Ptolomeu (323 aC).

A seção intermediária do capítulo (vs. 9-14) é dedicada a um pequeno chifre que saiu de uma das divisões do reino de Alexandre, que cresceu excessivamente em todas as direções, incluindo a "terra gloriosa" (Palestina), referido como tal novamente em 11:16,41 (cf. Jeremias 3:19; Ezequiel 20:6,15). Aparentemente, este chifre era Antíoco Epifânio, rei da Síria (175-163 aC), e tataraneto de Seleuco I, mencionado no parágrafo

acima simplesmente como Seleuco). Este Antíoco tentou helenizar a Judéia e exterminar o judaísmo. Assim, o texto da escritura diz que este chifre se engrandeceu até mesmo contra "o príncipe do exército" (evidentemente Jeová), e "tirou dele o holocausto contínuo, e o lugar do seu santuário foi derrubado". E o anfitrião [Heb. povo dos santos] foi entregue a ele [o chifre] junto com o holocausto contínuo por transgressão [por causa da apostasia por parte de alguns dos judeus após o retorno do exílio na Babilônia (ver Macabeus 1:11-15)] e derrubou a verdade por terra, fez seu prazer e prosperou.

NOTA: Este último conceito parece ser favorecido pelo relato do Livro de 1 Macabeus, no qual a cronologia é registrada em termos do reino grego -- isto é, desde sua reorganização alguns anos após a morte de Alexandre, o Grande e início da dinastia selêucida, com Seleuco I (312 aC). Afirma que Antíoco Epifânio tornou-se rei no 137º ano do reino grego (capítulo 1:10), ou 175 aC; que ele entrou em Jerusalém e saqueou o santuário no ano 143 (1:20-28), ou 169 AC; que ele entrou novamente no ano 145 (167 aC), desta vez poluindo o santuário e pondo fim aos holocaustos, etc., algum tempo antes do mês de Chislev, quando no 15º dia um abominável altar pagão foi erguido sobre o altar judaico e no 25º dia sacrifícios pagãos eram oferecidos sobre ele (1:29-64); e que por volta do dia 25 de Chislev no ano 148 (164 aC), Judas Macabeu e seus irmãos puderam entrar em Jerusalém, purificar o santuário, rededicá-lo e restaurar a adoração judaica legal (4:36-61) - algo mais de três anos depois que o santuário foi poluído pela primeira vez.

Capítulo 9: No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da semente dos medos (ver 5:31), que teria começado em 538 aC, 68 anos depois que Daniel e outros foram deportados para a Babilônia, ele entendeu os "livros" (evidentemente 2 Crônicas 26:21; Jeremias 25:11-12; 29:10) que o exílio duraria 70 anos, ou apenas mais dois anos se fosse contado da própria deportação de Daniel que, tanto quanto o registro afirma, não era de grande número, mas apenas de jovens "da semente real e dos nobres" (1:3-4) - não mencionado nem por Jeremias nem em 2 Reis em seu registro das deportações em massa.

O relato de Jeremias diz o seguinte: "Este é o povo que Nabucodonosor levou cativo: no sétimo ano [957 aC] três mil judeus e vinte e três; no décimo oitavo ano de Nabucodonosor [586 aC] ele levou cativos de Jerusalém oito cento e trinta e duas pessoas; no vigésimo terceiro ano de Nabucodonosor [581 aC] Nebuzaradã, capitão da guarda, levou cativos dos judeus setecentas e quarenta e cinco pessoas: todas as pessoas eram quatro mil e seiscentas" (Jeremias 52:28-30).

Em 2 Reis o registro é semelhante, mas com variações que precisam ser observadas. Em vez do sétimo ano do reinado de Nabucodonosor, como no relato de Jeremias, 2 Reis tem o oitavo ano (24:12). Um pode contar desde o início da expedição, o outro desde o seu final. Além disso, em vez dos 3.023 cativos de Jeremias levados, 2 Reis dá "dez mil" (24:14-16) - o relato de Jeremias "provavelmente incluindo apenas os mais importantes". Novamente, em vez do décimo oitavo ano do reinado de Nabucodonosor como em Jeremias, 2 Reis tem o décimo nono ano (25:8-12) – com a mesma explicação aplicável. E o ataque que Jeremias coloca no vigésimo terceiro ano de Nabucodonosor, 2 Reis não data nem menciona por número as 745 pessoas que Jeremias diz que foram levadas cativas por Nebuzaradã. Além disso, do número adicional levado por Nebuzaradan a Nabucodonosor em Riblah, seu quartel-general ocidental na Síria, que os matou lá, 2 Reis lista 72 (25:18-21), enquanto Jeremias lista 74 (52:24-27).

Quando Daniel percebeu que o período do exílio judaico e das "desolações de Jerusalém" estava chegando ao fim, ele dirigiu seu rosto "ao Senhor Deus, para buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza", confessando o pecados de seu povo que foram responsáveis por seu cativo, implorando Deus se afastasse de sua ira e perdoasse, e por causa do próprio Senhor fizesse seu rosto brilhar sobre seu santuário que então estava desolado (vs. 3-19).

E enquanto ele ainda estava falando em oração, Gabriel, a quem Daniel já havia visto em uma visão (8:16), veio instruí-lo no sentido de que os setenta anos que estavam terminando não concluíram todas as experiências decretadas para sua vida. pessoas. Em vez de, setenta semanas (geralmente acredita-se que significam setenta semanas de anos ou 490 anos) ainda foram decretados sobre Israel e a cidade santa, (1) para acabar com a transgressão, e (2) para fazer expiação pelos pecados, (3) para trazer a justiça eterna, (4) para selar a visão e a profecia, e (5) para ungir o Santíssimo (evidentemente o Messias). Desde a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém até o Ungido, o Príncipe (evidentemente Cristo), haveria sete semanas e 62 semanas (um total de 69 semanas, ou 483 anos) -- e a cidade de fato, será reconstruída, embora em tempos difíceis (por causa da prolongada oposição dos inimigos, descrita em Esdras e Neemias). E depois das 69 semanas, no meio da última semana (ou sete anos), o Ungido seria cortado, e fazer com que o sacrifício e a oblação cessem (não sendo necessário após o sacrifício de si mesmo). Naquela semana em que seria cortado, o Ungido faria uma aliança firme com muitos - provavelmente referindo-se à Nova Aliança por meio de seu próprio sangue, a ser oferecida à nação judaica por aproximadamente 3 anos e meio antes de em breve sendo proclamado ao mundo gentio também. E depois de tudo isso, o povo do príncipe (provavelmente os romanos sob Tito como príncipe, que mais tarde se tornaria imperador do império romano) viria e destruiria a cidade (Jerusalém), sobre as asas das abominações tornando-a desolada, mesmo até o fim determinado para isso - provavelmente referindo-se à destruição de Jerusalém em 70 dC sob Tito - o próprio Cristo, em conexão com sua predição da destruição de Jerusalém,

Deve-se notar que as 70 semanas deveriam (1) começar com a saída do mandamento para restaurar e reconstruir Jerusalém e (2) ser divididas em períodos de sete, 62 e assim por diante - ou 49 anos, 434 anos, e sete anos.

Houve quatro decretos de três reis persas com referência ao retorno dos exilados judeus e à reconstrução do templo e de Jerusalém: (1) Por Ciro Grande, 536 aC (Esdras 1:2-4; 2 Crônicas 36: 22-23); (2) Por Dario, o Grande, (Hystaspes), 519 AC (Esdras 6:1-12); (3) Por Artaxerxes Longimanus (458 ou 457 AC), (Esdras 7:7, 11-26); Por Artaxerxes novamente, 445 AC (Neemias 1:1; 2:1-8).

Se começarmos em 26 DC, o ano do batismo de Cristo, unção pelo Espírito Santo e introdução a Israel como o Filho de Deus, João 1:31-34 (quando ele tinha 30 anos de idade, Lucas 3:21-23 , tendo seu nascimento ocorrido não depois de 4 aC de acordo com nosso calendário gregoriano), e contando 483 anos (sete mais 62 semanas de anos), chegamos a 457 aC, o primeiro decreto de Artaxerxes (enteado da rainha Ester, da Livro de Ester). Também é bastante certo que Cristo foi crucificado depois de cerca de 3 1/2;anos de ministério pessoal, ou no meio da 70ª semana de Daniel, quando ele faria "uma aliança firme com muitos". Como resultado de sua morte, ele se tornou "o mediador da nova aliança" (Hebreus 9:15), e foi amplamente proclamado aos judeus os 3 anos e meio restantes da 70ª "semana", logo após a qual foi oferecido aos gentios, bem como aos judeus - "primeiro ao judeu, e também ao grego" (Romanos 1::16).

Quanto às primeiras "sete semanas" dos setenta (os primeiros 49 anos), foi durante esse período que a reconstrução do templo e de Jerusalém, incluindo suas paredes, foi concluída (embora iniciada antes) - e foi de fato em meio a tempos difíceis, com um atraso após o outro de oposição dos vizinhos. O próprio templo foi concluído no "sexto ano do reinado de Dario, o rei" (Esdras 6:15), em 516 aC, mas a cidade e suas muralhas não foram concluídas até 72 anos depois, após o "vigésimo ano de Artaxerxes, o rei" (Neemias 2:1-8) - em 444 AC no dia 25 do mês Elul (6:15), o sexto mês do ano, equivalente a uma parte do nosso agosto-setembro.

Capítulo 10: "No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, uma coisa foi revelada a Daniel", referente a "uma grande batalha" (vs. 1-2). E os capítulos 10, 11 e 12 estão ocupados com isso. A data teria sido 534 aC, dois anos depois que o primeiro contingente de judeus voltou para sua terra natal sob Esdras, e estava começando a experimentar os tempos difíceis mencionados em 9:25. Esta seção é parcialmente suplementar aos capítulos

8 e 9 e apresenta detalhes com relação ao quarto império, desenvolvendo certas características do capítulo 7. Um anjo é enviado a Daniel "para fazer-te entender o que acontecerá ao teu povo nos últimos dias; pois as visões ainda por muitos dias" (10:14).

Manual Bíblico Halley observa que nesta última visão "Deus levantou o véu e mostrou a Daniel algumas realidades do mundo invisível - conflitos ocorrendo entre inteligências sobre-humanas, boas e más, em um esforço para controlar os movimentos das nações, algumas delas buscando proteger o reino de Deus. povo. Miguel era o anjo da guarda de Israel (13-21). Um anjo sem nome conversou com Daniel. A Grécia tinha seu anjo (20), e também a Pérsia (13, 20). Parece que Deus estava mostrando a Daniel algumas das agências secretas em operação para trazer o retorno de Israel. Um deles ajudou Dario (11:1)."

Capítulo 11: O anjo sem nome que falou com Daniel declarou ainda: "E agora te mostrarei a verdade. Eis que se levantarão ainda três reis na Pérsia; e o quarto será muito mais rico do que todos eles: e quando ele for fortalecido por suas riquezas, ele incitará tudo contra o reino da Grécia" (v.2). Isso foi dito no terceiro ano de Ciro rei da Pérsia (10:1). Ou 534 aC, quando ele ainda tinha quatro anos para reinar, e deve ter sido o primeiro dos três. Os dois seguintes seriam Cambises II (530-522 aC) e Dario Histaspes (522-486 aC). O quarto seria Xerxes I (486-465 aC), o mais rico e poderoso dos reis persas - provavelmente o Assuero do Livro de Ester. Ele invadiu a Grécia, mas foi derrotado em Salamina (480 aC). Este não foi de forma alguma o fim do Império Persa, mas colocou-o em declínio e a Grécia em ascensão até que, finalmente, a Pérsia caiu para o rei grego Alexandre, o Grande, em 330 aC.

Os versículos 3 e 4 fazem referência a Alexandre, o Grande, e seu reino grego, dizendo: "E se levantará um rei poderoso, que governará com grande domínio e fará segundo a sua vontade. E quando ele se levantar, seu reino será quebrado e será dividido para os quatro ventos do céu, mas não para a sua posteridade, nem de acordo com o seu domínio com o qual ele governou; porque o seu reino será arrancado, mesmo para outros além destes." Conforme aprendido em conexão com o Capítulo 8 (ver também p. 8 destas notas), quando Alexandre, o Grande, morreu em 323 aC, seu reino não foi herdado pela posteridade, mas dividido entre seus generais mais capazes. Um deles foi Seleucos I Nicator, que recebeu a Síria e todo o Oriente, que estabeleceu a Dinastia Selêucida, que durou até 63 aC, quando os romanos a acabaram. O próximo mais capaz foi Ptolomeu, que recebeu o Egito e a Líbia e estabeleceu a Dinastia Ptolemaica, cujo último membro foi a famosa Cleópatra VII, que cometeu suicídio em vez de suportar a humilhação de aparecer na procissão triunfal de Roma depois que conquistou o Egito em 30 AC Esses respectivos generais e suas dinastias foram grandes rivais na maior parte do tempo, cada um tentando assumir o domínio do outro - sem nunca ter sucesso completo - e raramente sendo aliados. A pequena Judéia foi pega no meio, parte do tempo sendo governada pelo Egito e parte do tempo pela Síria - embora geograficamente mais logicamente uma parte da Síria. A ela,

No versículo 5, é feita referência ao "rei do sul", dizendo "ele será forte" e a "um dos príncipes" (ou seja, outro dos generais de Alexandre, o Grande, a saber, Seleuco), que se tornou "o rei do norte" e "será forte acima dele" (acima de Ptolomeu, "rei do sul"). Além disso, no versículo 6, é dito que "no fim dos anos eles se unirão" (isto é, suas dinastias o farão), mas não realmente para vantagem mútua de ambos. E do versículo 7 até pelo menos o versículo 36, suas lutas são previstas com uma precisão tão notável que os cétricos se recusam a acreditar que foram escritas antes do fato. O Manual Bíblico de Halley condensa tão bem o significado histórico de palavras-chave e frases que estão sendo reproduzidas aqui, como segue (começando com o versículo 6):

"Filha" (6): Berenice, filha de Ptolomeu II, foi dada em casamento a Antíoco II [do norte] e foi assassinada.

"Um broto de suas raízes" (7): Ptolomeu III, irmão de Berenice, em retaliação, invadiu a Síria e obteve uma grande vitória (8).

"Dois filhos" ["seus filhos", no texto bíblico] (10): Seleucus III e Antíoco III. (11-12): Ptolomeu IV derrotou Antíoco III com grande perda na batalha de Ráfia, perto do Egito (217 aC). (13): Antíoco III, após 14 anos, voltou com um grande exército contra o Egito. (16): Antíoco conquistou a Palestina. (17): Antíoco deu sua filha Cleópatra em uma aliança de casamento traiçoeira a Ptolomeu V, esperando através dela obter o controle do Egito. Mas ela ficou com o marido, (18-19): Antíoco então invadiu a Ásia Menor e a Grécia e foi derrotado pelo exército romano em Magnésia (190 aC). Voltou para sua própria terra e foi morto.

"Uma pessoa desprezível" (21-35): Antíoco Epifânio. (21): Não é o herdeiro legítimo, ele conseguiu o trono por traição. (22-25): Ele se fez senhor do Egito, em parte pela força e em parte por engano astuto. (26): Ptolomeu VI, filho de Cleópatra, sobrinho de Antíoco, foi derrotado pela traição de seu súdito. (27): Sob o disfarce da amizade, Antíoco e Ptolomeu competiam entre si em traição. (28): Retornando do Egito, Antíoco atacou Jerusalém, matou 80.000, levou 40.000 e vendeu 40.000 judeus como escravos. (29): Antíoco novamente invadiu o Egito. Mas a frota romana ["navios de Kittim"] o obrigou a se aposentar. (30,31): Ele descarregou sua raiva em Jerusalém e profanou o Templo. (32): Ele foi ajudado por judeus apóstatas. (32-35): Façanhas dos heróicos irmãos Macabeus.

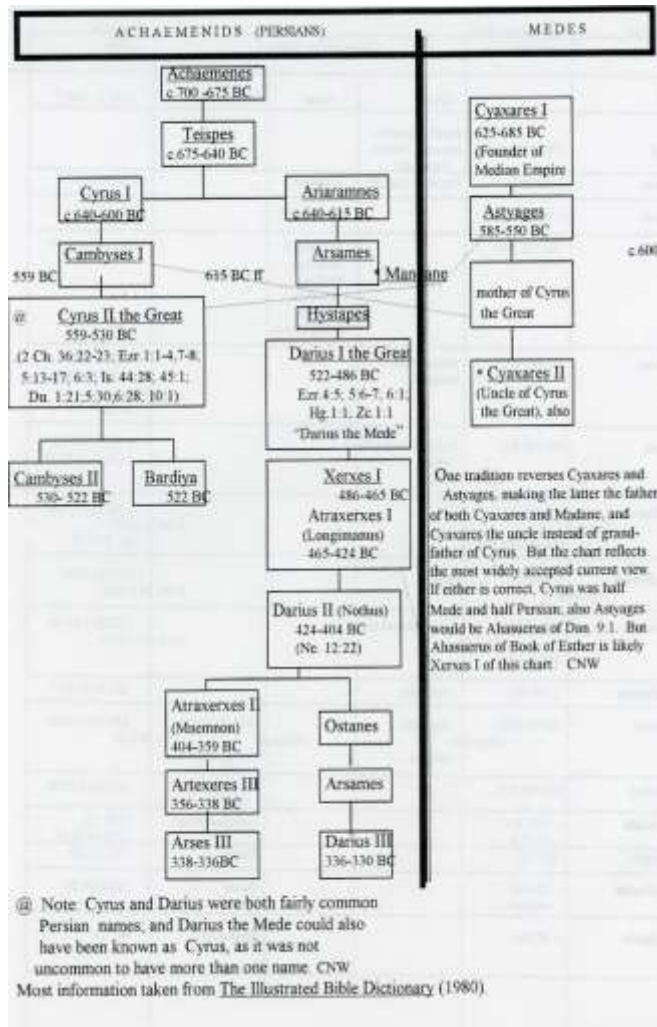
Os versículos 36-45 têm sido um grande enigma para os analistas. Refletindo vários pontos de vista, Halley pergunta: "Antíoco Epifânio? Ou a posse muçulmana da Terra Santa? Ou o Anticristo? Ou todos os três?" Mas não precisa ser nenhum dos dois. O contexto ainda é o do conflito entre o "rei do sul" e o "rei do norte", iniciado no início do capítulo. Assim, o "tempo do fim" de Os versículos 35 e 40 provavelmente se referem ao fim da supremacia grega quando ela passou para os romanos - em 63 aC da Síria e em 30 aC do Egito - se não ao fim do próprio Antíoco Epifânio em 163 aC. Então, provavelmente os versos acima mencionados são uma recapitulação e uma descrição mais minuciosa de alguns dos conflitos nos quais Antíoco Epifânio da Síria participou, e que terminaram em futilidade para ele.

Capítulo 12: Mas o fim de qualquer tirano não significa que outro não possa surgir. E o capítulo 12 parece olhar agora, não para o fim de Antíoco Epifânio ou do reino grego, ou mesmo para o fim do quarto reino (o império romano) dos capítulos 2 e 7, mas para o próprio fim dos tempos - possível ao ressurgimento de uma oposição poderosa e até mesmo universal contra o povo de Deus, quando ela for sumariamente encerrada pela intervenção divina, seguida pela ressurreição geral e julgamento final, conforme descrito em Apocalipse 20:7-15. No capítulo 12 de Daniel, temos "o tempo do fim" (v.4), "o fim destas maravilhas" (v.6), o tempo "quando todas as coisas serão consumadas" (v.7), o "tempo do fim" novamente (v.9), e "o fim" (v.13). Também é interessante notar no v. "muitos correrão de um lado para o outro, e o conhecimento aumentará" - descrição de uma sociedade altamente móvel e uma explosão de conhecimento - característica de nosso tempo mais do que qualquer outro até agora.

Os versículos 11-12 nos apresentam uma dificuldade insuperável se tentarmos desenvolver um calendário escatológico a partir deles. Eles lêem: "A partir do momento em que o holocausto contínuo for tirado, e a abominação quedesejada, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado aquele que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias." Um número é três anos mais 10 dias, o outro três anos mais 8 meses e meio, com um mais curto e outro mais longo que o "tempo, tempos e meio" do v. 7, se o último for 3 1/2 anos como geralmente entendido. O último é usado aqui e também no Apocalipse aparentemente como uma descrição simbólica do tempo de grande perseguição ao povo de Deus, sem necessariamente pretender designar um período preciso de duração. Mas, se um dia fosse contado como um ano como em algumas instâncias proféticas, como em Ezequiel 4:6, em um versículo (11) teríamos 1.290 anos e em o outro (12) 1.335 anos. Contando para trás desde o nosso tempo (1986 AD) como o fim mais próximo possível, isso nos levaria

de volta a 696 dC como ponto de partida em uma instância e a 651 dC em outra instância. Essa parece uma interpretação muito improvável e até mesmo impossível, no entanto. Mas por que as duas figuras, com 45 dias (ou possivelmente anos) de diferença? O primeiro marca o início do "tempo do fim" e o outro o seu término? Isso é realmente possível, se não provável, mas ainda não temos um tempo certo para começar nosso cálculo. Se o datarmos da época em que Antíoco Epifânio profanou o templo em Jerusalém (168 aC), isso nos levaria apenas a 1122 dC e 1167 dC, respectivamente. Ou, se o datarmos da "abominação da desolação" em conexão com a destruição de Jerusalém (Mateus 24:15), isso ainda nos levaria a 1360 DC e 1405 DC, respectivamente. Nenhum deles está atrasado o suficiente para o fim aparentemente significado em Daniel 12. A expressão, "abominação desoladora" (v.11), é considerada por Adam Clarke e alguns outros comentaristas como aplicável "a qualquer coisa substituída no lugar de , ou estabelecido em oposição às ordenanças de Deus, sua adoração, sua verdade, etc. Concedendo isso como uma possibilidade, ainda ficamos sem qualquer ponto de partida cronológico atualmente identificável – que pode ser precisamente o que se pretende!

Name of Prophet	Approximate date of ministry	Contemporary rulers of			Historical setting
		Judah	Israel	Babylon/Perms	2 Ki. 11:1-15:7
Jedai	c. 716-750 B.C.	Jedai (=Jehoiachin), Amasiah, Uzziah (=Azariah)			
Amos	c. 760 B.C.	Uzziah (=Azariah)	Jeroboam II		2 Ki. 14:23-15:7
Josiah	c. 760 B.C.		Jeroboam II		2 Ki. 14:23-29
Hosea	740-722 B.C.		Jeroboam II, Zachariah, Shallum, Menahem, Pekahiah, Pekah, Hoshea		2Ki. 14:23-18:37
Micah	742-687 B.C.	Jotham, Ahaz, Hezekiah			2Ki. 15:52-20:21; 2 Ch. 27:1-32:33; Is. 7:1-9:22; Je. 36:17,19
Isaiah	740/750 B.C.	Uzziah (=Azariah), Jotham, Ahaz, Hezekiah			2 Ki. 15:1-26:21 2 Ch. 26:1-32:33
Nahum	somewhere between 604 and 612 B.C.	Josiah			2 Ki. 22:1-23:30 2 Ch. 34:1-36:1 Zp. 2:15-17
Zephaniah	c. 640 B.C. or earlier	Josiah			2 Ki. 22:1-23:34 2 Ch. 34:1-36:8
Jeremiah	626-587 B.C. Jehoiakim, Jehoiachin.	Josiah, Jehoiachin, Zedekiah			2 Ki. 22:1-25:30 2 Ch. 34:1-36:21
Habakkuk	c. 605 B.C.	Zedekiah, Jehoiachin			2Ki. 23:31-24:7
Daniel	605-555 B.C. Jehoiachin, Zedekiah		Babylonians, Nebuchadnezzar, Darius, Cyrus		2 Ki. 24:1-25:30 2 Ch. 26:5-21
Ezekiel	597-570 B.C.		Nebuchadnezzar		2 Ki. 24:8-25:26
Obadiah	c. 787 B.C. or earlier		Nebuchadnezzar		2 Ki. 25; 2 Ch. 30:11-21
Haggai	520 B.C.		Darius		Ez. 5:1-6:22
Zechariah	c. 520 B.C. or earlier		Darius or earlier		Ez. 5:1-6:22
Malachi	c. 455 B.C.		Artaxerxes I		Mal. 1:1



Afinal, nos versículos 8 e 9, Daniel declara: "E eu ouvi, mas não entendi; Vai, Daniel; pois as palavras estão fechadas e seladas até o tempo do fim" - o que soa como se nem mesmo ele soubesse antes disso. E assim, foi-lhe dito: "Mas vai até o fim; porque no fim dos dias estarás na tua sorte" (v.13). E, se Daniel não podia saber até então, também não precisamos esperar fazê-lo! sabe (Mateus 24:36) E ele não o revelou desde então.

Capítulo 3

DÁRIO, O MEDO

O gráfico acima é do DICIONÁRIO ILUSTRADO DA BÍBLIA (1980), no qual fiz várias anotações. Um, na coluna da direita, começa: "uma tradição inverte Cyaxares e Astyages, tornando o último o pai de Cyaxares e Mandane e Cyaxares o tio em vez do avô de Cyrus." Isso foi baseado no que eu descobri ser uma lembrança falha de uma das palestras de Whelsey publicadas no Millennial Harbinger de setembro de 1830, sobre a história do Império Medo-Persa. Eu não me lembrava de que Whelsey deu o nome de Cyaxares a duas pessoas em vez de uma - uma o pai e a outra o filho de Astíages. Lembrei-me do que ele disse sobre o filho, mas apliquei ao pai. Isso fez com que entrasse em conflito desnecessariamente e erroneamente com o gráfico e as outras anotações que fiz nele.

Se eu tivesse me lembrado com precisão, não apenas teria feito a anotação de que "Mandane foi casada com Cambises I e se tornou a mãe de Ciro, o Grande", mas teria acrescentado outra que "Cyaxares = Dario, o Medo

= tio de Ciro II , o Grande" -- de acordo com as palestras de Whelsey, e com as evidências e conclusões cautelosamente apresentadas em minhas notas acima mencionadas, páginas 5 b até 7a.

Agora que percebo meu erro e a maior credibilidade da palestra de Whelsey, estou apresentando partes dela, a fim de estabelecer seu relato de um relacionamento próximo entre Ciro, o Grande, e Dario, o Medo, mesmo depois que Ciro da Pérsia expulsou o Medo jugo do pai de Dario, o rei Astíages. Para facilitar o acompanhamento, os subtítulos introdutórios serão fornecidos em letras maiúsculas. Além disso, palavras ou frases explicativas ocasionais podem ser inseridas entre colchetes. Às vezes, a ênfase também será fornecida pelo uso de maiúsculas ou sublinhados, nenhum dos quais ocorre no original.

EXCERTOS DE UMA DAS PALESTRAS DE WHELSEY

1. A MÍDIA não é encontrada no mapa da Ásia moderna. Antigamente era um extenso império, estendendo-se ao longo das costas sul e oeste do Mar Cáspio [com Ecbatana, Hamadan moderno, como sua capital]. A leste ficava o que é chamado de Tartária, ou Ásia Central. A Pérsia limitava ao sul [com Susa, ou Shusan, como sua capital], e a Assíria ao oeste [com Nínive como sua capital]. [A Babilônia também limitava sua vizinha do sul, a Pérsia, a oeste, com a Babilônia como sua capital]. . . .

Da melhor luz que pode ser lançada sobre o assunto, parece que a Mídia foi povoada por Madai, filho de Jafé, filho de Noé, logo após a dispersão [de Babel]. Ele gradualmente se tornou um império considerável e finalmente foi subjogado por seu vizinho mais poderoso, a Assíria, e permaneceu um governo territorial por muito tempo. Quando o Império Assírio foi desmembrado sob Sardanapalus (710 aC), a mídia tornou-se novamente independente. Desta época até o início do reinado de Ciro [o persa], decorreu um período de 176 anos, incluindo uma sucessão de cinco monarcas. Dijoces foi o primeiro rei. Ele foi sucedido por Fraortes, que reinou 22 anos e caiu diante de Nínive, na tentativa de vingar a morte de seu pai.

Seu filho, Cyaxares [fundador do Império Medo], retomou a disputa hereditária e, após uma série de várias fortunas, em conjunto com Nabucodonosor, rei da Babilônia, sitiou Nínive, tomou-a e nivelou com a terra aquele imponente monumento da humanidade. perseverança e glória. Posteriormente, ele carregou suas armas vitoriosas para o sul até onde o Egito conquistou a Pérsia e voltou para Ecbactania [sic] carregado com imensos despojos e acompanhado por monarcas cativos.

Sob este monarca, a mídia se estabeleceu em seu império permanente e poderoso. Cyaxares, após um reinado de 40 anos, deixou seu trono para seu filho Astyages, que é chamado nas escrituras de Assuero. Astíages deu sua filha Mandane em casamento a Cambises, um rei. . . da Pérsia. O fruto desse casamento foi o ilustre Ciro, o príncipe mais irrepreensível de que a história antiga pode se orgulhar.

PÉRSIA: Diretamente ao sul da Média havia uma extensa faixa de território conhecida nas geografias antigas e modernas pelo nome de Pérsia [agora chamada de Irã, que também abrange o que antes era a Média]. Era limitado a leste pela Índia, ao sul pelos impérios assírios [mais apropriadamente descrito como limitado ao sul pelo Golfo Pérsico e a oeste pelos impérios assírios], estendendo-se por 1.800 milhas de comprimento e 1.000 de largura [que é descritivo de sua extensão como um império após a derrubada da Babilônia (536 aC) e a aquisição de todos os vastos domínios que este governou].

Somos informados nas escrituras que a Pérsia, ou Paras, como é chamada por Daniel, era antigamente chamada Elam; e que foi povoado por Elam, filho de Shem, na época em que a Mídia foi povoada por Madai, na dispersão [de Babel].

Na época de Abraão, encontramos Chedorlaomer, rei de Elam, ou Pérsia, um monarca considerável em sua época, tendo conquistado vários reinos da Ásia. A partir deste período, sua história autêntica se perde. Eles provavelmente foram subjugados pelos assírios, que carregaram tudo antes deles e permaneceram súditos por muito tempo. Depois recuperaram a liberdade; mas logo foram obrigados a renunciar novamente aos medos, como já observei, e permaneceram tributários deles, por meio de seus monarcas nativos, até a época de Ciro. Cambises, da família real de Achemenais, casou-se com Mandane, filha de Astíages, rei da Média, e tornou-se pai de Ciro, que nasceu para libertar seu país natal da escravidão [aos medos, cujo rei, Astíages, era duro e ele era impopular mesmo entre os medos], para restaurar o cativo de Jerusalém,

II. Ciro nasceu no ano antes de Cristo 599. Aos 12 anos de idade, ele acompanhou sua mãe Mandane à corte da Média. Astíages logo se encantou com a aparência promissora de seu neto, tanto que o manteve na Média, onde permaneceu por quatro ou cinco anos. A planta jovem. . . prometeu tornar-se um poderoso cedro. A afabilidade de seu temperamento, a simplicidade de seu comportamento, a sinceridade de seu coração e, acima de tudo, a destreza de seu braço, despertaram a admiração da corte, do acampamento e do salão. Os medos, nobres e ignóbeis, provaram por seu apego que Ciro era totalmente merecedor, se não destinado, a usar a coroa [o que ele fez, mesmo sobre eles, com a ajuda de uma parte de seu próprio exército].

Aos 17 anos voltou à corte de seu pai, seguido pela afetuosa bênção dos medos e recebido com entusiasmo por seus nativos persas. Nas guerras insignificantes que às vezes eram travadas com as nações vizinhas, Ciro sempre foi vitorioso, sempre recompensou generosamente os bravos e sempre poupou misericordiosamente os conquistados. À medida que seu pai Cambises avançava em idade, ele gradualmente associou Ciro a ele no governo, cujo fardo ele foi obrigado a suportar. Assim viveu até os 40 anos. Mas o auge de sua vida não foi desperdiçado inutilmente; uma nova era nas táticas militares da Pérsia começou com ele. Foi estabelecido um curso de disciplina que, em pouco tempo, tornou os persas os melhores soldados da Ásia. As artes da paz foram cultivadas, a civilização avançou rapidamente, e este bárbaro, escravizado,

CYRUS E CYAXARES: Astayages, o rei da Média, [depois de ser deposto pela Pérsia], morreu e deixou seus domínios para seu filho, Cyaxares [a quem podemos chamar Cyaxares II], que era apenas um ano mais velho que Cyrus [com quem uma estreita amizade e relacionamento deve ter se desenvolvido durante os anos em que Ciro esteve na corte de Ecbátana, e aparentemente continuou para sempre, apesar de ter deposto Astíages]. Neriglissar, o rei da Babilônia, . . . considerou a morte de Astíages uma crise favorável para lançar um golpe exterminador no crescente poder da Média, convocou um imenso exército de 250.000 homens das populosas regiões a oeste do Eufrates e colocou-se à frente deles. Ciaxares II tendo recentemente assumido as rédeas do governo [evidentemente com a aprovação e bênçãos de Ciro], ficou justamente alarmado com seus extensos preparativos, que ameaçava não apenas roubá-lo da coroa e do império, mas de repente extinguir suas expectativas lisonjeiras de que a Média ascendesse ao império da Ásia [o que ele evidentemente pensou que poderia ser feito em conjunto com a Pérsia]. Não aterrorizado, porém, pela terrível crise, ele rapidamente concentrou suas forças, com a resolução de extrema resistência, e enviou ajuda à Pérsia, com a exigência expressa de que Ciro fosse investido no comando dos auxiliares.

A demanda foi atendida com pronto atendimento. Pela maneira peculiar pela qual Ciro convocou seu exército, podemos supor que seu gênio abrangente já tenha abraçado, aquele vasto esquema de conquista que ele executou posteriormente. . . . Quando todos foram organizados, eles totalizaram 31.000. Um exército assim designado pode muito bem ser capaz de grandes realizações.

À frente deste corpo, Cyrus juntou-se a seu tio Cyaxares, já se preparando para marchar. Em comando conjunto, avançaram para as fronteiras da Assíria, depois de Ciro ter reduzido o rei da Armênia, de uma revolta, obtido no pai um aliado inabalável, e no filho, o interessante Tigranes, um amigo íntimo.

Neriglissar, o rei da Babilônia, tendo concentrado uma imensa força de 200.000 soldados a pé e 60.000 cavalos, avançou em direção à Média e encontrou os medos e persas, não metade de seu número, não muito longe das fronteiras dos dois impérios. Uma batalha geral foi travada, e Cyrus foi completamente vitorioso. Pois embora Cyaxares tivesse um comando igual, o gênio magistral de Cyrus exigiu e obteve a honra indivisa do louro.

O infeliz rei da Babilônia foi morto, . . . e seu acampamento abandonado aos medos e persas. . . O trono da Babilônia foi imediatamente preenchido por Laborosoarchod, cujas crueldades, em poucos meses, incitaram seus súditos a buscar uma última reparação, sacrificando-o para sua vingança. . . Belsazar [filho e co-regente de Nabonido, que estava ausente a maior parte do tempo, deixando o fardo de governar para seu filho] foi coroado em seu lugar. . . .

Nesse ínterim, um vigoroso plano de operações foi seguido por Ciro para reduzir as fortalezas dos assírios e preparar gradualmente uma marcha desobstruída para a Babilônia. . . . a famosa batalha de Thymbra. . . estabeleceu sua fama como o primeiro guerreiro no teatro do mundo. Esta batalha decidiu o destino da Pequena Ásia. Ciro perseguiu sua fortuna: a Arábia e a Síria caíram com sucesso diante dele, até que, por fim, a grande Babilônia ficou sozinha nas margens do Eufrates e franziu a testa para o conquistador, zangada com seu sucesso passado e desafiando suas tentativas futuras.

Ele acampou diante da cidade e iniciou um cerco regular. . . . A certa distância da cidade, havia imensos reservatórios, cavados com a finalidade de receber a água redundante do Eufrates e prevenir os efeitos fatais de inundações ocasionais. Vários canais formavam uma comunicação entre esses reservatórios e o rio. Ao abrir esses canais, a água pode ser facilmente desviada de seu curso natural, o leito do rio fica seco e uma passagem livre para o coração da cidade é aberta.

As festas públicas dos babilônios eram geralmente celebradas com os mais extravagantes tumultos, embriaguez e libertinagem, e frequentemente duravam vários dias sem intervalo. Cyrus escolheu a noite anterior a um desses festivais para a execução de seu plano. .

Enquanto Ciro estava tomando posse indiscutível da cidade, [Deus interrompeu a bebedeira e folia de Belsazar e os senhores e damas de seu reino com uma escrita sobrenatural na parede, interpretada por Daniel como significando que Belsazar foi pesado na balança e encontrado querendo, e seu reino dividido e dado aos medos e persas].

Cyrus já estava às portas do palácio. O alarme soou, e o ímpio Belsazar, saindo correndo do salão, espada na mão, foi recebido pelos persas e instantaneamente cortado em pedaços, com todos os seus assistentes. . . .

A morte de Belsazar. . . colocou um período no segundo Império Assírio, 536 aC. A redução da Babilônia foi seguida pela submissão de todos os territórios assírios, e o império de Ciro foi limitado ao norte pelos mares Cáspio e Negro, a leste pela Índia, ao sul pela Arábia Mar [Golfo Pérsico] e Etiópia, e a oeste pela Líbia, Mediterrâneo e arquipélago; compreendendo a Ásia Menor, Síria, Egito, Arábia, Assíria, Armênia, Média e Pérsia; Ciro e Cyaxares, ou, como é chamado nas Escrituras, Dario, o Medo, em pouco tempo estabeleceram o governo em uma base inamovível. Eles dividiram o império em 120 províncias, de acordo com o profeta, e nomearam sátrapas ou governadores sobre elas. . . .

CYRUS SOMENTE: Dois anos após a queda da Babilônia, Cyaxares, o tio, e Cambises, o pai de Cyrus, morreram, e ele foi deixado como único mestre do novo império, BC 534.

1. JOSEPHUS: "... mas quando a Babilônia foi tomada por Dario, e quando ele, com seu parente Ciro, pôs fim ao domínio dos babilônios, ele tinha sessenta e dois anos de idade. Ele era filho de Astíages , e tinha outro nome entre os gregos." (Ant.X, 11, 4.)

2. COMENTÁRIO DO PÚLPITO: "A teoria que recebeu o maior apoio entre aqueles que mantêm a data antiga para Daniel é que Dario, o Medo, é Ciaxares II" - portanto, filho de Astíages e tio de Ciro.

"Sabemos que 'Gobaru' ou 'Oybaru' - 'Gobryas' em grego - foi nomeado governador por Ciro quando ele conquistou a Babilônia, e que, na escrita dos monumentos de Sindschirli, Gobryas, _____ ou _____, não é ao contrário de Dario, _____." NOTA: Os espaços em branco são substituídos por scripts que não podem ser duplicados com nosso equipamento.

3. ENCICLOPÉDIA BÍBLICA DE PADRÃO INTERNACIONAL (citado sem o uso de aspas): Dario, o Medo (Dan.6:1; 11:1) era filho de Assuero (Xerxes) da semente dos medos (Dan.9:1). Ele recebeu o governo de Belsazar, o caldeu, após a morte desse príncipe (Daniel 5:30-31; 6:1), e foi feito rei sobre o reino dos caldeus.

De Dan.6:28 podemos inferir que Dario era rei contemporaneamente com Ciro. Fora do livro de Daniel, não há menção de Dario, o medo, pelo nome, embora haja boas razões para identificá-lo com Gubaru, ou Ugbaru, o governador de Gutium, que é dito no Nabunaid-Cyrus Chronicle ter sido nomeado por Ciro como governador da Babilônia após sua captura dos caldeus.

(a) Gubaru é possivelmente uma tradução de Dario. As mesmas letras radicais em árabe significam "rei", "compelente" e "limitador". Em hebraico, as derivações da raiz significam "senhor", "senhora" ou "rainha": em aramaico, "poderoso", "todo-poderoso".

(b) Gutium era um país ao norte da Babilônia e, com toda a possibilidade, na época de Ciro, fazia parte da província da Média.

(c) Mas mesmo que Gutium não fizesse parte da Média naquela época, era costume dos reis persas nomear medos e persas para satrapias e para o comando de exércitos. Portanto, Darius-Gubaru pode ter sido um medo, mesmo que Gutium não fizesse parte da Média propriamente dita.

(d) Uma vez que Daniel nunca chama Dario, o medo, de rei da Média, é irrelevante qual poderia ter sido seu título ou posição antes de ser feito rei sobre o reino dos caldeus. Uma vez que o reino dos caldeus nunca incluiu a Média ou a Pérsia, não há absolutamente nenhuma evidência no Livro de Daniel de que seu autor alguma vez tenha pretendido insinuar que Dario, o Medo, alguma vez governou [ou não governou] a Média ou a Pérsia. [Ele simplesmente não disse nada sobre seus antecedentes, exceto que era um medo, mas deixou claro que era um personagem proeminente na sociedade dos medos e persas.]

(e) Que Gubaru é chamado de governador (pihatu), e Dario, o Medo, rei, não faz objeção à sua identificação; pois nos impérios orientais antigos e modernos, os governadores das províncias e cidades eram frequentemente chamados de reis. Além disso, na língua aramaica, nenhuma palavra mais apropriada do que "rei" pode ser encontrada para designar o governante de um sub-reino, ou província do império.

(f) Diz-se que Dario tinha 120 sátrapas sob seu comando não entra em conflito com isso; pois a palavra persa "sátrapa" é indefinida, assim como a palavra inglesa "governador". Além disso, diz-se que Gubaru nomeou pihatus para si mesmo. Se o reino dos caldeus que ele recebeu era tão grande quanto o de Sargão [722-705 aC, "rei da Assíria" (Isaías 20:1), ele pode facilmente ter nomeado 120 desses subgovernantes; pois Sargão nomeia 117 cidades sujeitas e países sobre os quais ele nomeou seus prefeitos e governadores.

(g) Os povos, nações e línguas do capítulo 6 não são objeção a esta identificação; pois a própria Babilônia naquela época era habitada por caldeus, árabes, arameus e judeus, e o reino dos caldeus abrangia também os assírios, elamitas, fenícios e outros dentro de seus limites.

(h) Esta identificação é apoiada ainda mais pelo fato de que não há nenhuma outra pessoa conhecida na história que possa ser mencionada. Alguns, de fato, pensaram que Dario, o Medo, era um reflexo do passado de Dario Histaspis; mas isso se torna impossível na medida em que o caráter, as ações e o império de Dario Histaspis, que são bem conhecidos por nós por seus próprios monumentos e pelos historiadores gregos, não se assemelham ao que Daniel diz sobre Dario, o Medo.

[Fim da citação da International Standard Bible Encyclopedia.]

POSTSCRIPT

Em anexo está mais uma página com um gráfico de THE ILLUSTRATED BIBLE DICTIONARY (1980), com anotações corrigidas. Eles representam praticamente o que teria sido dito nas anotações originais se não fosse por uma lembrança falha de uma das Palestras de Whelsey publicadas no Millennial Harbinger de setembro de 1830, sobre a história do Império Medo-Persa.

NOTA FILOLÓGICA SOBRE XERXES E AHASUERUS

A ortografia Xerxes é uma tentativa de transliterar para o grego, e deste para o inglês, a palavra persa Khshayarsha. A mesma palavra em hebraico assumiu uma forma que finalmente foi vocalizada para produzir Ahashawerosh e ser traduzida em inglês como Ahasuerus. Diz-se que a palavra hebraica, e presumivelmente a persa, significava "rei". Pode ser usado como um nome ou um título. É usado no Livro de Ester com outra palavra hebraica que significa rei ou conselheiro, de modo que temos a expressão "rei Assuero" (1;2,9,16,19; 2:1,12,16,21; 3: 1,6,7,8,12; 6:2; 7:5; 8:1,7,10,12; 9:2,20,30; 10:1,3).

Capítulo 4

Profecia - Reinos Daniel capítulo 7

1. Conforme retratado por Daniel: Este capítulo contém um sonho e visões comparáveis em significado ao sonho de Nabucodonosor no capítulo 2, mas com alguns aspectos adicionais. Nas visões de Daniel, ele viu quatro bestas que representavam quatro reinos mundiais sucessivos, substituídos por um reino eterno recebido no céu do "antigo dos dias" por "alguém semelhante a um filho de homem". De comum acordo, estes representam os mesmos reinos simbolizados no sonho de Nabucodonosor, começando com a Babilônia e com Nabucodonosor como seu rei. De acordo com Daniel, esse reino foi dado aos "medos e persas" (5:28), representados aqui e em outros lugares como um reino dos povos combinados (ver 6:8,12,15; Ester 1:1-3,14 ,18-20; 10-2) -- um império Medo-Persa, por favor. E quando assumiu o império babilônico, Dario, o medo, recebeu o reino (5:28; cf. 11:1). Então, dentro de alguns anos, de acordo com a história secular, quando o último estava morto, Daniel fala do "reinado de Ciro, o persa" como segue (6:28; cf. 10:1).

2. Conforme interpretado por protestantes conservadores versus católicos romanos e liberais: A visão tradicional dos intérpretes protestantes é que os quatro reinos sucessivos dos capítulos 2 e 7 foram os impérios babilônico, medo-persa, grego (ou macedônio) e romano, com o quinto reino mundial é o de Cristo, estabelecido nos dias dos reis romanos. Mas os intérpretes católicos romanos e liberais em sua maioria consideraram os medos e os persas como dois impérios em vez de um, tornando assim o Império Grego o quarto, e Israel o quinto. Os católicos romanos fazem isso principalmente para contrariar a interpretação

protestante tradicional de que o "pequeno chifre" do quarto animal (7:8,19-26) representa o papado e sua relação com o Império Romano. E os intérpretes liberais não católicos o fazem por não acreditarem na profecia preditiva, o que eles teriam de admitir se admitissem que o quarto império mundial dos capítulos 2 e 7 é o de Roma. Pois o Império Romano não sucedeu o grego até o primeiro século aC, com a subjugação da Síria em 63 aC e do Egito em 30 aC, e eles afirmam que o Livro de Daniel foi escrito no segundo século aC

3. Interpretações liberais e católicas insustentáveis e ineficazes: Fazer do império grego, em vez do romano, o quarto pretendido por Daniel de forma alguma resolve o problema para católicos e liberais. Pois Daniel descreve apenas três impérios mundiais, não quatro, para suceder o babilônico, enquanto a história secular torna evidente que o romano também era um império mundial e o último a suceder o babilônico.

Além disso, durante a existência do quarto reino mundial sucessivo, o Deus do céu estabeleceria um reino universal que não seria destruído ou tomado por outro povo (2:34-35; 44-45; 7:13-14). ,27). Assim os liberais e católicos fariam o reino de Israel. Mas isso não foi estabelecido nos dias dos reis gregos. Foi estabelecido no Sinai no século 15 aC e terminou em 70 dC com a destruição de Jerusalém pelos exércitos de Roma, nos dias dos reis ou imperadores romanos. E devemos considerar seu início como tendo ocorrido no século II aC, na época em que Judas Macabeu e seus seguidores conquistaram sua independência da porção síria do império grego, como fazem os intérpretes mencionados acima, ainda assim terminou em 70 dC, e não era eterno. Tampouco jamais fora um reino universal.

Além disso, se pensarmos no quinto reino mundial sucessivo como o de Cristo do Israel espiritual, como deve ter sido - não deste mundo (João 18:36) - ele não foi estabelecido até os dias dos reis romanos. Pois João Batista e Jesus e seus discípulos, antes da morte de Jesus, pregaram como "próximo" (Mateus 3:2; 4:17 '10:7) ou "chegou perto de você" (Lucas 10 :7, 11). Aproximadamente seis meses antes de sua crucificação e ressurreição, Jesus declarou que "alguns, dentre os que aqui estão, aguardam, de modo algum provarão a morte até que vejam chegar o reino de Deus com poder" (Marcos 9:1). Então, após sua ressurreição, ele assegurou a seus apóstolos que "recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo" (Atos 1:8), no qual ele havia dito que eles seriam "batizados dentro de poucos dias" (v. 5). E, no Pentecostes, dez dias após sua ascensão ao céu, "todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem" (Atos 2:1-4). O poder do Espírito continuou a ser manifestado por "muitas maravilhas e sinais [que] foram feitos por meio dos apóstolos" (v.43).

Além disso, a mãe de Jesus havia sido informada antes de ele nascer, que "ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e ele reinará sobre a casa de Jacó [Israel] para sempre; e o seu reino não terá fim" (Lucas 1:32-33). E no Pentecostes, por inspiração do Espírito Santo, foi anunciado que ele havia ressuscitado dos mortos e ascendido ao céu para sentar-se no trono de Davi (Atos 2:22-36) - isto é, para governar o povo de Deus, o Israel espiritual, para Deus, assim como Davi fizera ao governar o Israel carnal. Depois disso, foi dito que "os santos e fiéis irmãos em Cristo" foram libertos do poder das trevas e "traduzidos... para o reino do Filho do seu amor [de Deus]" (Colossenses 1:2, 13). E quando João escreveu o Apocalipse perto do fim do primeiro século cristão, ele disse a seus leitores cristãos: "Eu, João, [sou] vosso irmão e participo convosco na tribulação, e no reino, e na paciência que há em Jesus" (1: 9). Em outras palavras, o reino de Cristo existia e era composto daqueles que estavam "em Jesus" - isto é, aqueles em comunhão com ele e obedientes a ele. E tudo isso foi durante os dias dos reis romanos, não dos reis gregos. aqueles em comunhão com ele e obedientes a ele. E tudo isso foi durante os dias dos reis romanos, não dos reis gregos. aqueles em comunhão com ele e obedientes a ele. E tudo isso foi durante os dias dos reis romanos, não dos reis gregos.

4. Conclusão e implicações: Portanto, parece inevitável que o Império Romano seja o quarto reino de Daniel 2 e 7, durante a existência do qual o Deus do céu estabeleceria um reino universal e eterno. "Nos dias daqueles

reis [os romanos] o Deus do céu levantará um reino que nunca será destruído, nem a sua soberania passará a outro povo: mas esmiuçar e consumirá todos esses reinos [os quatro que o precedem], e eu permanecerei para sempre" (2:44). E isso envolve implicações relativas às divisões e aos "dez chifres" e outro "pequeno chifre" do quarto animal ou reino, quer possamos identificá-los com certeza ou não.

5. Divisões do Quarto Reino: Em Daniel 2, o quarto reino foi representado pelas pernas e pés (presumivelmente dois) e dedos (presumivelmente dez) da imagem com a qual Nabucodonosor sonhou. Estes, sem dúvida, representavam a divisão do Império Romano em seus domínios orientais e ocidentais, consistindo em "dez" reinos ou províncias. Em Daniel 7, o quarto reino é representado como uma besta com dez chifres (vs. 7,20, 24), que são chamados de 'dez reis' (e, claro, seus domínios) surgindo de ou de dentro e descritos como sendo parte do referido reino (v.24). E em Apocalipse 17, novamente parece que a Roma Imperial é representada como uma besta com "dez chifres" (vs.3, 12, 16). Estes representavam dez reis que na época em que o Apocalipse foi escrito ainda não haviam recebido seus reinos,

6. Identidade dos "Dez Chifres": O número 'dez' pode não significar exatamente dez, mas pode ser um número redondo que simboliza tudo de um número indefinido, mas bom. E entre aqueles que pensam que exatamente dez é o significado, não há unanimidade quanto a quais deles compõem. Isso é verdade para aqueles que sustentam, acreditamos erroneamente, que o grego é o quarto reino. Por exemplo, Calumet nomeia reis individuais como: (1) Seleuco Nicator, (2) Antíoco Soter, (3) Antíoco Theos, (4) Antíoco Calínico, (5) Seleuco Cerauno, (6) Antíoco, o Grande, (7) Seleuco Philopater, irmão de Antíoco Epifânio, (8) Laomedonte, de Mitilene, a quem a Síria e a Fenícia haviam sido confiadas, (9) Antígona e (10) o filho deste último, Demétrio, que possuía aquelas províncias, com os títulos de reis. Outros deixam Demétrio e começam com Alexandre, o Grande, ou fazer alguma outra variação. E todos eles têm uma mistura de predecessores e contemporâneos, enquanto as escrituras parecem torná-los todos contemporâneos.

Há a mesma falta de unanimidade entre aqueles que consideram, acreditamos corretamente, o Império Romano como o quarto reino de Daniel 2 e 7. Adam Clarke, por exemplo, diz "eles são considerados assim:" (1) O Senado Romano , (2) gregos, em Ravena, (3) lombardos, na Lombardia, (4) hunos, na Hungria, (5) alemães, na Alemanha, (6) francos, na França, (7) burgúndios, na Borgonha, (8) Os sarracenos, na África e parte da Espanha, (9) Os godos, em outras partes da Espanha, e (10) Os saxões, na Grã-Bretanha. A monumental Introdução de Horne ao Estudo Crítico e ao Conhecimento das Sagradas Escrituras (1889) fornece cinco listas de tantos estudiosos eminentes, nenhuma das quais é precisamente a mesma, embora todas tenham algo em comum.

E a Análise Bíblica de Straub (1935), de mérito considerável em geral, lista o seguinte com ainda mais diferenças e com datas anexadas: (1) The Franks, AD 360-749; (2) Ostro-Godos, AD 385-523; (3)

Visi-Godos, AD 398-419; (4) Vândalos, AD 429-533; (5) Borgonhas, AD 419-534; (6) Saxões, AD 449-457; (7) Suevi, AD 409-585; (8) Gepidi, AD 453-566; (9) Lombardos, AD 568-774; e (10) Império do Oriente, AD 595-1453.

Por que Straub tem o Império do Oriente começando em 595 dC, não é aparente. Mas pode ser um erro tipográfico, com a intenção de 395 AD. Pois naquela data, com a morte do imperador Teodósio, quinto sucessor de Constantino, o Grande, o Império Romano foi dividido entre seus dois filhos, Arcadius e Honorius - Arcadius recebendo a metade oriental com sua capital em Constantinopla e Honorius recebendo a ocidental. metade com sua capital em Roma. O Império Romano do Ocidente chegou ao fim em 496 DC. Mas o Império do Oriente, ou Império Romano do Oriente, também chamado de Império Bizantino, durou até a queda de Constantinopla para os turcos em 1453 DC.

Veio a ser chamado de Império Bizantino da cidade grega de Bizâncio no Estreito de Bósforo, separando a Europa da Ásia, reconstruída, fortificada e renomeada por Constantino, que se referiu a ela como Nova Roma e a tornou a capital de todo o Império Romano. que permaneceu até a partição do império acima mencionada. Depois dessa divisão, a lei romana e muitas das antigas tradições romanas persistiram no Oriente, embora o latim logo tenha dado lugar ao grego como língua popular, e a vida e a arte tornaram-se cada vez mais orientais. A igreja também se tornou cada vez mais diferente no Oriente e no Ocidente, dando origem a muita dissensão e, finalmente, uma ruptura formal e excomunhão em 1054 DC que persistiu desde então.

O resultado final, no entanto, com referência aos "dez" reis ou reinos parece ser que não podemos saber precisamente quem ou o que eles eram, se o número for literal e definido em vez de simbólico. Não apenas os arranjos específicos que os homens inventaram não concordam entre si, como nenhum deles parece atender a todos os requisitos das escrituras.

Tanto em Daniel quanto em Apocalipse, eles são parte integrante do Império Romano antes de sua dissolução, e todos se unem para fazer guerra contra os "santos" (Daniel) e o "Cordeiro", o "Senhor dos senhores e o Rei dos reis". " e aqueles 'com ele' (Apocalipse). E em Apocalipse, não apenas o Cordeiro e aqueles que estavam com ele os venceram, mas eles, por sua vez, passaram a odiar a cidade prostituta (Roma pagã) e a desolaram como uma entidade corruptora e perseguidora - portanto, parecendo representam domínios que se tornaram cristãos e ajudaram a subjugar o paganismo no império antes do colapso deste último. E em Daniel, o domínio foi transferido dos inimigos dos santos para os próprios santos, como aconteceu no Império Romano quando o cristianismo triunfou sobre o paganismo. Então, onde Daniel e Apocalipse diferem ligeiramente em detalhes,

Em Apocalipse, os "dez" eram originalmente uma parte da "besta" por "uma hora" antes de ir "para a perdição" e enquanto ainda estava em guerra contra os santos. Mas os lombardos, mencionados em quase todas as listas citadas acima, surgiram como um reino, de acordo com Straub, em 568 dC e continuaram até 774 dC, cuja data de início foi após a queda da parte ocidental do império em 496 dC E ainda demorou muito mais tempo depois que o império deixou no século IV dC (anos 300) de ser um perseguidor dos cristãos. De fato, as datas iniciais de todos os "dez" listados por Straub [AD 360, 385, 398, 429, 419, 449, 409, 453, 568, e 595] são muito tarde para se envolver nas perseguições imperiais do Império Romano), exceto pelo esforço abortado do imperador apóstata Juliano, AD, 361-63, que apenas os francos, AD 360-749, poderiam ter participado, mas não não, tanto quanto temos qualquer registro). Além disso, o "Império do Oriente" como tal, que teve seu início formal com imperadores separados em 395 dC, nunca foi um perseguidor dos cristãos, mas seu amigo e protetor.

Finalmente, além da falta de envolvimento em perseguições imperiais, todos os dez listados por Straub (com pouco mais da metade duplicados em outras listas) passaram a existir - exceto os lombardos e o Império do Oriente (ou apenas para os lombardos, se A data de início de Straub para o Império do Oriente foi corrigida) - antes que o Império do Ocidente chegasse ao fim, de 360 a 453 DC, ou de 116 a 23 anos antes de sua queda. Agora - se um dia representa um ano, como frequentemente computado - a hora que cada um deles tinha autoridade com a besta seria 1/12 ou 1/24 de um dia - portanto, ou um mês ou 1/ 2 meses! - o que parece bastante absurdo, não apenas por causa da brevidade excessiva, mas principalmente pela irregularidade da duração de sua coexistência com a besta em comparação com a uniformidade de sua breve autoridade com ela. Parece, portanto, que a "uma hora" deve ser um símbolo de um tempo comparativamente curto, mas indefinido. E, se assim for, não é improvável que os "dez chifres" sejam igualmente simbólicos, em vez de dez reis ou reinos identificáveis. Isso explicaria as discrepâncias nas listas de eminentes estudiosos que tentam fornecê-las com precisão, sejam eles conservadores ou liberais em sua teologia.

7. O "Pequeno Chifre" do Quarto Reino: introduzido em Daniel 7:8, diz-se que ele surgiu entre os dez chifres, diante dos quais três dos primeiros chifres foram arrancados pela raiz." Ele é descrito a seguir como fazendo

guerra com os "santos" e prevalecendo contra eles - "até que veio o ancião dos dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo, e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino" (vs.20- 22).

E nos versículos 24-27, ele é mencionado como derrubando três reis, falando palavras contra o Altíssimo, desgastando os santos do Altíssimo e pensando em mudar os tempos e a lei - e sendo permitido fazer assim por "um tempo e tempos e meio tempo" (geralmente considerado 3 1/2 anos) - após o qual seu domínio é retirado, e "o reino e o domínio, e a grandeza dos reinos sob todo o céu, será dado ao povo dos santos do Altíssimo".

"Tempo, tempos e meio tempo" (v.25) ocorre novamente em 12:6, e em ambos é descritivo de um período em que os santos ou o povo de Deus estão sendo guerreados. Ocorre novamente em Apocalipse 12:14, possivelmente emprestado da terminologia de Daniel, e é equivalente a "mil duzentos e sessenta dias" no v. 6 e em 11:3, e a "quarenta e dois meses" em 11:28. e 13:5 -- igual a 3 anos e meio -- e igualmente representativo de um tempo de grande perseguição ao povo de Deus. Em Apocalipse, parece ser contrastado os "mil anos" do capítulo 20:1-6, quando os santos estão livres da perseguição internacional e multinacional combinada, característica antes e por um curto período de tempo após os ": mil anos". Se o sistema de interpretação ano a dia for aplicado em ambos os casos, 3 1/2 anos proféticos representariam 1.260 anos civis e os mil anos proféticos representariam 360.000 anos civis. Mas pode ser que ambos sejam simbólicos em vez de literais, com um representando um período de tempo comparativamente curto e indefinido e o outro um período de tempo indefinido, mas consideravelmente mais longo.

Intérpretes liberais e católicos aplicam os 3 anos e meio em Daniel 7 ao período em que Antíoco Epifânio guerreou contra Israel e tentou acabar com o judaísmo, fazendo, como eles fazem, o quarto animal desse capítulo ser o império grego, e Antíoco Epifanes para ser o "pequeno chifre", chegando ao poder depois de se livrar de vários pretendentes rivais. E os "três dos primeiros chifres" arrancados diante dele (v.8), explicados como sendo "três reis" derrubados por ele (v.24), são considerados por alguns dos intérpretes acima como sendo (1) seu irmão, Seleuco IV, que foi assassinado, (2) um filho de Seleuco IV, Demétrio I Sóter, e (3) um filho mais novo de Seleuco ou possivelmente Heliodoro, por cuja conspiração Seleuco foi morto com a intenção de colocar seu filho mais novo no trono com ele mesmo como regente - mas foi morto por Antíoco Epifânio, que ocupou o trono e é suspeito de planejar todos os eventos que levaram à sua ascensão. À primeira vista, essa interpretação pareceria plausível se Antíoco Epifânio estivesse associado à quarta em vez da terceira besta e reino. Pensando bem, no entanto, os dez chifres são representados na visão como contemporâneos, enquanto nas interpretações liberal e católica, eles são em grande parte consecutivos. essa interpretação pareceria plausível se Antíoco Epifânio fosse associado ao quarto em vez do terceiro animal e reino. Pensando bem, no entanto, os dez chifres são representados na visão como contemporâneos, enquanto nas interpretações liberal e católica, eles são em grande parte consecutivos. essa interpretação pareceria plausível se Antíoco Epifânio fosse associado ao quarto em vez do terceiro animal e reino. Pensando bem, no entanto, os dez chifres são representados na visão como contemporâneos, enquanto nas interpretações liberal e católica, eles são em grande parte consecutivos.

Quanto aos intérpretes protestantes, a maioria deles sustenta que a quarta besta e reino de Daniel 7 representa o império romano e é equivalente à besta de Apocalipse 13:1-10 e capítulo 17, que também tinha dez chifres. (mas não unanimemente) afirmaram que o "pequeno chifre" de Daniel 7 representa o papado. No entanto, entre aqueles que o fazem, não há unanimidade quanto a quais divisões do império romano são representadas pelos três chifres que o papado "derrubou". Por exemplo, Straub diz "os ostrogodos, vândalos e burgúndios, porque eram arianos na fé". Mas Adam Clarke afirma: "Estes eram provavelmente, 1. O exarcado de Ravena. 2. O reino dos lombardos. E, 3. O estado de Roma."

Então Clarke explica o seguinte: "O primeiro foi dado ao Papa Estêvão II, por Pepino, rei da França, em 755 DC; e este constituiu os príncipes temporais do papa. O segundo foi dado a São Pedro por Carlos Magno, em 774. O terceiro, o estado de Roma, foi conferido ao papa, tanto espiritual quanto temporalmente, e confirmado a ele por Lewis, o piedoso."

(NOTA: Este último também é conhecido como Luís I ou Luís, o Piedoso, filho e sucessor (814-48 DC) de Carlos Magno como imperador do Ocidente. Carlos Magno foi um rei carolíngio dos francos, 714-814, mas foi coroado pelo Papa Leão III no dia de Natal de 800, como imperador também do Ocidente, por ter se tornado um apoiador e protetor do papado. O Ocidente representava toda a parte ocidental do império romano antes de ser dividido entre o Oriente e o E, de acordo com a teoria carolíngia, o Império Romano foi apenas suspenso, não encerrado, pela abdicação do imperador romano em 476. Assim, Carlos Magno reivindicou a sucessão legítima dos romanos.)

Outra interpretação, apresentada no altamente respeitado Comentário do Púlpito, faz com que os dez chifres sejam dez "magistros" da República Romana, e o imperador do Império Romano que se seguiu à República seja o "pequeno chifre" engrandecido, diante de quem três dos primeiros chifres foram "arrancados" ou "abatidos". Um resumo de sua explicação é o seguinte: Como o significado primário do "chifre" é o poder, a solução mais provável parece ser tomar os 'dez' chifres como os magistrados da Roma republicana. Estes eram, grosso modo, dez - dois cônsules, originalmente dois pretores, dois censores e quatro tribunos. O poder imperial era totalmente desconhecido da constituição romana; mas, vindo depois dos outros, absorveu o poder de três desses magistrados - o tributário, o pretoriano, e o censório. Essa explicação parece inconsistente, no entanto, pois muda de magistrados individuais para categorias deles; e, se a categoria tributária consistisse em quatro magistrados, o pretoriano em dois e o censório em dois, isso perfaz um total de oito em vez de três magistrados absorvidos!

Augusto (27 aC-14 dC), sobrinho-neto de Júlio César, que tornou o império possível tornando-se ditador vitalício no início de 44 aC, apenas para ser assassinado, no entanto, em 15 de março daquele ano como resultado, e havendo nenhum imperador reconhecido até 17 anos depois com a ascensão de Augusto em 27 aC, como já indicado; depois Tibério (14-37 dC), Calígula (37-41), Cláudio (41-54) e Nero (54-68). Seguiu-se uma breve luta antes de Vespasiano se tornar imperador, com os generais Galba, Otho e Vitellius sendo cada um nomeado por seus exércitos. Galba renunciou alguns meses (68-69) e foi morto; Otho (69, janeiro-abril), e tirou a própria vida; Vitellius brevemente (69) - os três reinaram um total de apenas cerca de 18 meses. Vespasiano havia reconhecido Vitélio e Otão, mas em 68 DC seus próprios soldados o declararam imperador. Voltando do Oriente, seu exército e o de Vitélio se enfrentaram e este último foi morto, com Vespasiano sendo aceito como imperador. Mas ele havia colocado apenas um, não três, chifres - nenhum dos quais é considerado por muitos historiadores, porque eles eram pretendentes ao invés de imperadores de boa-fé, além de terem mandatos insignificantes. No entanto, contando-os, houve apenas oito imperadores antes de Vespasiano (reinando sucessivamente, no entanto, em vez de contemporaneamente) - e se Júlio César devesse ser contado, ainda havia apenas nove. Assim, Vespasiano não poderia ser um décimo primeiro chifre derrubando "três dos primeiros chifres" de Daniel 7:8. Além disso, não até Domiciano (81-96 DC) temos um monstro parecido com o "pequeno chifre" descrito por Daniel, e mesmo ele não matou três predecessores. Então,

O resultado de tudo isso é que parece que não podemos saber com certeza a identidade exata dos 'dez' chifres ou do 'pequeno chifre', se assim foi pretendido. E embora a interpretação mais popular do 'pequeno chifre' seja que representava o papado, essa identificação não é isenta de problemas. Além da incerteza ligada aos 'três chifres' que supostamente "arrancou" ou "derrubou", está o fato de que não teve sua origem até algum tempo depois da queda de Roma em 476 dC, e surgiu sobre as ruínas do império ocidental - algum tempo depois de todos os "dez chifres" terem exercido autoridade com e como parte da "besta" por uma "hora,"guerreando contra os santos e depois se voltando contra a cidade prostituta da Roma pagã e

evidentemente contribuindo para a ascendência do cristianismo sobre o paganismo no império, e da mesma forma depois que a "besta" da Roma imperial foi "para a perdição", tudo conforme predito em Apocalipse 17.

NOTA: Adam Clarke diz: "A ninguém pode este [pequeno chifre dos versos 24-26] aplicar-se tão bem ou tão plenamente como aos papas de Roma." E novamente: "Se o poder papal, como um chifre ou poder temporal, é pretendido aqui, o que é mais provável (e sabemos que esse poder foi dado em 755 ao Papa Estêvão II, por Pepino, rei da França), contando mil duzentos e sessenta anos a partir disso, somos trazidos para AD 2015." Embora ele diga: "Eu não enfatizo nem tiro conclusões dessas datas", ele faz alusão favorável a elas em seus comentários sobre 8:14, como será observado novamente mais tarde.

capítulo 5

Profecia - Reinos

Daniel capítulo 8

1. Representado por um carneiro e um bode: Estes foram vistos por Daniel em sua segunda visão, descritos nos versículos 1-8 e identificados nos versículos 15-25.

O "carneiro... tinha dois chifres: e os dois chifres eram altos, mas um era mais alto que o outro, e o mais alto era o último". O "bode veio do oeste... e... tinha um notável chifre entre os olhos". "E quando ele se tornou forte, o grande chifre foi quebrado; e em seu lugar surgiram quatro chifres notáveis para os quatro ventos do céu."

"O carneiro que viste, que tinha dois chifres, são os reis da Média e da Pérsia. E o bode rude é o rei da Grécia; porque o que foi quebrado, no lugar onde quatro se levantaram, quatro reinos se levantarão da nação, mas não com o seu poder".

Pode-se ver que estes são equivalentes à segunda e terceira bestas e reinos do primeiro sonho de Daniel, no capítulo 7. Neste capítulo, os reis dos medos e persas não representam dois reinos, mas um reino dual, contrário ao liberal e intérpretes católicos romanos, e em harmonia com outras escrituras para as quais se chamou a atenção. Isso significa, então, que o quarto animal do capítulo 7 e as pernas, pés e dedos dos pés da imagem do sonho de Nabucodonosor no capítulo 2 representavam de fato, não o império grego, mas o império romano.

Os dois chifres do carneiro representam os poderes dos medos e persas, respectivamente. A princípio, os medos eram dominantes e, mais tarde, os persas.

O "chifre notável" do bode foi o primeiro rei do império grego, Alexandre, o Grande. Foi quebrado pela morte de Alexandre em 323 aC. Os "quatro chifres notáveis" que surgiram em seu lugar representam as divisões de seu reino após sua morte entre quatro de seus generais. Os mais fortes deles foram Ptolomeu, a quem o Egito foi dado, e Seleuco I, a quem a Síria e todo o Oriente passaram a pertencer.

2. O "chifre pequeno" do bode identificado: "De um deles [de um dos quatro chifres acima] saiu um chifre pequeno, que cresceu muito para o sul e para o leste, e para a terra gloriosa" (v.9). A descrição dele e de suas devastações continua até o v.14, com mais explicações nos v.23-27, começando assim: "E no fim do reinado deles, quando os transgressores chegarem ao máximo, um rei feroz de semblante e entendendo sentenças sombrias, se levantará. E seu poder será grande, mas não por seu próprio poder, e ele destruirá maravilhosamente e prosperará para fazer seu prazer; e ele destruirá os poderosos e o povo santo."

Com um consentimento, a referência é a Antíoco Epifânio, tataraneto de Seleuco I, rei da Síria e do Oriente. Ele procurou anexar o Egito e ainda mais a leste ao seu domínio, e também a Palestina, com esforço especial para destruir o judaísmo e estabelecer o paganismo no último. Sua desolação da Terra Santa e seu santuário é descrita historicamente nos primeiros seis capítulos de 1 Macabeus e em Josefo, Guerras dos Judeus, Livro I, 1:1-4.

O tempo desde a profanação do santuário até sua purificação seria "duas mil e trezentas manhãs e tardes" (vs.14, 26). Isso pode significar 2.300 manhãs mais 2.300 noites, portanto 2.300 dias; ou pode significar um total de manhãs mais tardes, portanto 1.150 dias - uma tarde e uma manhã igualando um dia, como em Gênesis 1. O último é favorecido pelos registros históricos. Josefo disse sobre Antíoco Epifânio: "Ele também estragou o templo e pôs fim à prática constante de oferecer um sacrifício diário de expiação por três anos e seis meses" (Wars, 1, 1:1), -- o que poderia ser um "número redondo" por 1.150 dias, ou três anos, dois meses e dez dias, já que eram mais de três anos. Além disso, de acordo com 1 Macabeus (capítulos 1 e 4),

Deve-se notar que o "chifre pequeno" do capítulo anterior não pode ser o "chifre pequeno" deste capítulo. Entre outras coisas, o primeiro surgiu entre os dez chifres da quarta besta, que representava o império romano, e o último surgiu de um dos quatro chifres da segunda besta deste capítulo, que representa o império grego e é equivalente a a terceira besta do capítulo anterior. O Império Romano consistia em dez reinos contemporâneos. O império grego foi dividido em quatro. Foi na última parte da história dos quatro que Antíoco Epifânio entrou em cena (8:23) - cerca de 175 aC - 148 anos após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 aC, e 137 anos antes do último parte de seu reino (Egito) foi conquistada pelos romanos em 30 aC, seguindo a Síria em 63 aC

NOTA: Referindo-se novamente a Adam Clarke, ele faz o seguinte comentário sobre o versículo 14: "Embora literalmente sejam duas mil e trezentas tardes e manhãs, ainda acho que o dia profético deve ser entendido aqui, como em outras partes deste profeta. , e deve significar tantos anos. Se datarmos esses anos a partir da visão do bode, (A invasão da Ásia por Alexandre), isso foi. , ... Isso nos aproximará do tempo mencionado [no] capítulo vii.25, onde ver a nota." Assim, parece que ele tende a acreditar que a purificação do santuário está associada à perda do poder temporal pelo papado. Isso não pretende ser um endosso, mas fornecer uma amostra de interpretações alternativas.

Capítulo 6

Setenta Semanas Daniel capítulo 9

No primeiro ano do reinado de Dario, o Medo, sobre o reino dos caldeus (cerca de 538 aC), Daniel entendeu pelos livros (evidentemente 2 Crônicas 36:21 e Jeremias 25:11-12; 29:19) que a Babilônia o cativo dos judeus e as desolações de Jerusalém terminariam depois de setenta anos, o que logo seria cumprido. Isso se tornou uma magnífica obsessão para ele e um assunto de muita oração e súplica, com "jejum, pano de saco e cinzas" (v.4). Em resposta, o anjo Gabriel foi enviado para informá-lo sobre outras experiências decretadas para o seu povo não incluído nos setenta anos de exílio (vs.20-27). Estes se estenderiam, ao que parece, até o tempo de Cristo, e foram descritos como "setenta semanas" (geralmente acredita-se que sejam setenta semanas de anos, ou 490 anos), divididos em três períodos de sete, 62, e um -- ou 49 anos. E em algum momento não especificado depois que "o ungido, o príncipe" (evidentemente Cristo), foi cortado no "meio" da 70ª semana (isto é, a semana seguinte aos "sete" e depois aos "sessenta e dois semanas"), a cidade e o templo ("santuário") seriam novamente destruídos -- pelo "povo do príncipe" (evidentemente os romanos liderados por Tito, um príncipe que mais tarde se tornou imperador de Roma, por quem Jerusalém e o templo foram destruídos em 70 DC).

HAVIA QUATRO DECRETOS referentes ao retorno dos judeus exilados e à reconstrução do templo e de Jerusalém: (1) Por Ciro, o Grande, 536 aC (Esdras 1:2-4; 2 Crônicas 36:22-23); (2) Por Dario, o Grande (Hystaspes), 519 aC (Esdras 6:1-12); (3) Por Artaxerxes Longimanus, 458 ou 457 AC (Esdras 7:7,11-26); (4) Por Artaxerxes novamente, 445 AC) (Neemias 1:1; 2:1-8).

Se começarmos em 26 DC, o ano do batismo de Cristo, unção pelo Espírito Santo e introdução a Israel como o Filho de Deus, João 1:31-34 (quando ele tinha 30 anos de idade, Lucas 3:21-23 , tendo seu nascimento ocorrido não depois de 4 aC de acordo com nosso calendário gregoriano), e contando 483 anos (sete mais 62 semanas de anos), chegamos a 457 aC, o primeiro decreto de Artaxerxes (enteado da rainha Ester, da Livro de Ester) - que parece ter sido mais eficaz do que os anteriores. Também é bastante certo que Cristo foi crucificado após cerca de 3 anos e meio de ministério pessoal, ou no meio da 70ª semana de Daniel, quando ele faria "uma aliança firme com muitos". Como resultado de sua morte, ele se tornou "o mediador de uma nova aliança" (Hebreus 9:15,

ESTE FOI UM CUMPRIMENTO NOTÁVEL do que teria sido uma profecia preditiva, mesmo que tivesse sido dada no século II aC, conforme reivindicado pelos liberais, em vez do século VI aC, conforme afirmado pelo próprio Livro de Daniel. Não há como isso ter sido escrito depois do fato!

O CAPÍTULO TAMBÉM ILUMINA os capítulos 2 e 7 com relação ao tempo do estabelecimento do reino dos céus nos dias dos reis romanos. Pois Cristo, que foi crucificado sob o governador romano Pôncio Pilatos em 30 DC e ressuscitou dos mortos três dias depois, ascendeu ao céu e foi recebido fora da vista humana por uma nuvem, 40 dias após sua ressurreição (veja Atos 1:1- 11). Evidentemente, foi ele quem "veio com as nuvens do céu... até o ancião dos dias" e "foi dado... domínio, e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem". ele: [cujo] domínio é um domínio eterno, que não passará [como os reinos do mundo anteriores fariam], e seu reino que não será destruído" (7:13-14).

Capítulo 7

Profecia - Uma Grande Guerra Daniel capítulos 10-12

1. Capítulo 10: "No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, [que teria sido 534 aC] uma coisa foi revelada a Daniel" pertencente a "uma grande guerra" (vs 1-2). E os capítulos 10, 11 e 12 estão ocupados com isso. Ele é parcialmente suplementar aos capítulos 8 e 9 e aborda detalhes marginais do Quarto Império, desenvolvendo certas características do capítulo 7. Um anjo foi enviado a Daniel para fazê-lo "entender o que acontecerá ao teu povo nos últimos dias; visão ainda por muitos dias" (10:14). No geral, os capítulos 10 e 11 parecem lidar com eventos que trariam o fim do império grego na derrubada da Síria e depois do Egito pelos romanos em 63 aC e 30 aC, respectivamente. Isso seria "muitos dias" depois que a visão foi dada. E o capítulo 12 é geralmente considerado escatológico, ou pertencente às últimas coisas da história. É possível que a última parte do capítulo 11 também contenha alusões escatológicas simbólicas.

2. Capítulo 11: Neste capítulo, temos esboços da história e queda dos impérios medo-persa e grego mostrados a Daniel - mas quando parece que não haverá mais medos no trono, e o império é mais persa do que Mediano. Foi dito a Daniel: "Eis que ainda se levantarão três reis na Pérsia; e o quarto será muito mais rico do que todos eles; v.2).

DITO ISSO NO TERCEIRO ANO DE Ciro, rei da Pérsia, ou 534 aC, quando ele tinha mais quatro anos para reinar, ele foi considerado em nosso esboço original do "Livro de Daniel" como o primeiro dos três. Isso porque era provável que Smerdis (também chamado de Bardiya e listado como tal em um gráfico anexado ao esboço

mencionado) não pudesse ser considerado um rei devido às seguintes circunstâncias relatadas pela The New Columbia Encyclopedia:

"Smerdis, dc528 aC, segundo filho de Ciro, o Grande, rei da Pérsia. Ele também é chamado de Bardiya. Ele foi assassinado por seu irmão Cambises II, que manteve o assassinato em segredo. Patizithes, o guardião mágico do palácio de Cambises, deposto Cambises (que estava em campanha no Egito), apresentou seu próprio irmão Guamata para representar Smerdis e o proclamou rei. Após um reinado de sete meses, o falso Smerdis foi derrubado (521 aC) e morto. Dario, eu sucedi Guamata."

Mas, se o falso Smerdis (ou Bardiya) for contado, como no gráfico mencionado acima, Ciro não seria contado nos três reis que ainda se ergueram na Pérsia, e a lista dos três, e depois um quarto, seria ser o seguinte: Cambises II (530-522 aC usando as datas do gráfico acima mencionado), Smerdis (522 aC), Dario Histaspes (522-486 aC) e Xerxes I (486-465 aC).

Conforme declarado no esboço original, Xerxes I foi o mais rico e poderoso dos reis persas - provavelmente o Assuero do Livro de Ester. Ele invadiu a Grécia, mas foi derrotado em Salamina (480 aC), o que colocou a Pérsia em declínio e a Grécia em ascensão até que finalmente a Pérsia caiu para o rei grego, Alexandre, o Grande, em 330 aC Para os reis da Pérsia reinando durante seu declínio, veja o gráfico já mencionado.

VERSÍCULOS 3 E 4 REFEREM-SE A ALEXANDRE O GRANDE e seu reino grego. Quando ele morreu em 323 aC, seu reino não foi herdado pela posteridade, mas dividido entre seus generais mais capazes - os mais capazes foram Seleuco I Nicator e Ptolomeu, que receberam a Síria e todo o Oriente, e o Egito com a Líbia e a Etiópia (ver v. 34), respectivamente, cujas dinastias governaram até serem tomadas pelos romanos em 63 aC e 30 aC, respectivamente, e são referidos neste capítulo como "rei do norte" e "rei do sul", respectivamente.

VERSÍCULOS 5 A 20 dão um resumo das relações entre o "rei" do norte" e o "rei do sul" até o tempo de Antíoco Epifânio como "rei do norte".

Os versículos 21 a 35 tratam do tempo de Antíoco Epifânio e suas relações com o "rei do sul" e com os judeus na Palestina, sob a "aliança" com Deus - a "aliança" sendo mencionada nos versículos 22 e 32. Acredita-se que "o príncipe da aliança" na passagem anterior seja o sumo sacerdote judeu, provavelmente Onias III, que, de acordo com 2 Macabeus 4:33-38, foi assassinado. "Navios de Kittim: no versículo 30 são reconhecidos por consentimento comum dos estudiosos como navios de Roma. Pelo menos duas traduções (Moffatt e Goodspeed) têm romanos ou Roma. ("Kittim" foi usado pela primeira vez para a ilha de Chipre, mas sua o uso passou a ser estendido a outras áreas ao longo do Mar Mediterrâneo a oeste.

Os versículos 32 a 35 podem aludir ao tempo dos Macabeus. Alguns pensam que o versículo 35 também é uma sugestão da dispensação cristã - talvez principalmente no tempo do fim da supremacia grega quando passou para os romanos, mas secundariamente no fim da história. Mas o dogmatismo pró ou contra parece imprudente.

VERSÍCULOS 36 A 39 são interpretados de várias maneiras - alguns os aplicam a Roma - seu rei (imperador). Outros os veem simplesmente como uma descrição contínua e generalizada de Antíoco Epifânio - embora possa ser igualmente aplicável a um líder militar enviado pelo imperador. O versículo 37 pode conter uma descrição de desprezo pela adoração de Tammuz ou Adonis em particular, que dizem ter atraído especialmente as mulheres, bem como a de qualquer outro deus local. Em vez disso, ele contaria com a ajuda de um deus estrangeiro (vs.38-39).

VERSÍCULOS 40 A 45 também são interpretados de várias maneiras, com alguns pensando que "ele" no versículo 40 refere-se ao "rei" do parágrafo anterior. Seja isso correto ou não, ainda poderia se aplicar e provavelmente se aplica ao imperador romano ou seu comandante militar no Egito e na Síria (incluindo a Palestina), opostos tanto pelo "rei do sul" quanto pelo "rei do norte". (não necessariamente ainda Antíoco Epifânio) na época, a supremacia dos dois últimos estava prestes a passar para Roma. Outros acham que se refere, pelo menos simbolicamente também, se não totalmente, ao fim dos tempos - que "ele" do versículo 40 se refere ao anticristo (o presumido principal agente humano de Satanás em Apocalipse 20:7-10), e que simbolicamente, os reis do "norte" e do "sul" representam oposição a ele. Que, no entanto, atribui um papel fora do personagem com representações deles até agora no Livro de Daniel. E o "tempo do fim" no versículo 40 parece mais provável que se refira ao fim do império grego quando seus últimos vestígios ficaram sob a soberania de Roma. Mas o domínio romano não significaria o fim dos problemas para o povo de Daniel.

Capítulo 8

A hora do fim

Capítulo 12

1. Versículos 1-4: O pior ainda estava por vir - o fim do estado judeu, mas não seu povo que seria leal a Deus, embora pudesse morrer naturalmente ou nas mãos de inimigos, pois havia para ser uma ressurreição para a recompensa eterna - "vida eterna" para os justos, e "desprezo eterno" para os injustos - que o Novo Testamento ensina será no fim dos tempos (João 5:28-29; 6:39 ,40,44,54; 11:24; 1 Coríntios 15:20-24). Este pode ser o "tempo do fim" do versículo 4. Se assim for, o texto pode estar dizendo que nem tudo contido neste capítulo pode ser entendido antes desse tempo. Isso provavelmente é verdade, especialmente quanto às datas, que são descritas de forma mais ou menos enigmática. Pois mesmo Cristo, quando estava na terra, não sabia quando seria o fim dos tempos (Mateus 24:36),

2. Versículo 1 Novamente: Isso se refere a "um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo". E foi assim que Jesus descreveu a destruição de Jerusalém e o fim do estado judeu (que ocorreu em 70 dC): "Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, não, nem jamais haverá" (Mateus 24:21). Portanto, é possível que Jesus e Daniel estivessem se referindo ao mesmo evento. Jesus deu instruções para que seus discípulos em Jerusalém e na Judéia escapassem e, de acordo com a História Eclesiástica de Eusébio, "eles se retiraram da cidade e habitaram em uma certa cidade além do Jordão, chamada Pela" (Livro III, Capítulo 5). Michael, "o arcanjo" (Judas 9), já mencionado em Daniel 10:13, 21 como sendo usado por Deus em situações críticas, é descrito por aquele que instruiu Daniel como "o grande príncipe que representa os filhos do teu povo", com a garantia de que "naquele tempo [referido neste capítulo] Miguel permanecerá up" - evidentemente para ajudar o verdadeiro povo de Deus. E ele pode ter sido empregado para ajudar os santos a fugir para Pela quando Jerusalém estava prestes a ser destruída.

3. Versículos 5-7: Quando Daniel perguntou: "Até quando haverá o fim dessas maravilhas?" foi-lhe dito que "será por um tempo, tempos e meio; e quando eles acabarem de quebrar em pedaços o poder do povo santo, todas essas coisas serão concluídas". Não é improvável que seja feita referência à mesma coisa predita em 7:23-28. O elemento de tempo descrito pode significar 3 anos e meio, ou 1.260 dias, com um dia representando um ano; ou pode ter sido simplesmente uma referência simbólica a uma duração indefinida, mas limitada - uma que não se estende até o fim dos tempos. Pode referir-se ao tempo até o de Apocalipse 11:14, quando "O reino do mundo se tornou o reino de nosso Senhor e do seu Cristo" - que, por sua vez,

4. Versículos 8-9: Mas, disse Daniel: "Ouvi, mas não entendi; palavras são fechadas e seladas até o tempo do fim," Este é o fim mencionado nos versículos imediatamente anteriores, aparentemente antes do fim dos

tempos, ou é aquele que pode ser entendido nos versículos 2-4, que aparecem estar no fim dos tempos? O autor destas notas aventura-se timidamente a supor o primeiro, mas recusa-se a ser dogmático.

5. Versículo 10: Foi ainda dito a Daniel: "Muitos se purificarão, e se embranquecerão, e se purificarão; mas os ímpios procederão impiamente; e nenhum dos ímpios entenderá; mas os sábios entenderão." Isso pode não se referir à compreensão de todas as coisas misteriosas reveladas a Daniel, visto que ele mesmo não as entendia todas. Mas deve referir-se a compreensão suficiente para saber que a bem-aventurança final deve ser alcançada pela fidelidade a Deus, e somente por isso, independentemente do custo, mesmo que seja da própria vida terrena. Pois a morte não é o fim, conforme indicado nos versículos 2 e 3.

6. Versículos 11-13: Estes têm a ver com os tempos novamente, que foram interpretados de várias maneiras, pois não há informações suficientes para tornar certa qualquer interpretação dada. E não obstante o que foi declarado, parece que não se esperava que Daniel entendesse precisamente o significado. Foi-lhe dito: "Mas vai até o fim; Provavelmente seu "descanso" seria entre sua morte e ressurreição, momento em que ele estaria no que seria sua "sorte, no final dos dias" - provavelmente no final dos tempos na terra, quando Cristo vier para ressuscitá-lo. os mortos, conforme as passagens mencionadas acima na discussão dos versículos 1-4.

Mas o "tempo do fim" no versículo 4 não deve necessariamente ser equiparado ao término dos períodos mencionados nos versículos 11-12, como segue: "E desde o tempo em que o holocausto contínuo for retirado, e o estabelecida a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e cinco e trinta dias. Se isso deveria ser igualado ao fim dos tempos na terra, por que então Jesus, enquanto estava na terra, não sabia o tempo de sua vinda novamente (Mateus 24:36)?"

Por outro lado, se foi planejado para isso, qual foi o ponto de partida - a saber, a remoção do "holocausto contínuo" e a criação da "abominação desoladora"? (1) Foi a profanação do templo em Jerusalém em 168 AC por Antíoco Epifânio? Ou (2) foi o que ocorreu em conexão com a destruição de Jerusalém e do templo pelos romanos (Mateus 24:15-18), da qual a primeira parece ter sido um tipo? Ou (3) "a abominação desoladora" deveria ser entendida como "qualquer coisa substituída no lugar ou estabelecida em oposição às ordenanças de Deus, sua adoração, etc.", conforme Adam Clarke e alguns outros? Além disso, se for o último, que evento posterior foi pretendido na informação dada a Daniel, e como podemos saber?

Além disso, temos duas datas terminais -- 1.290 dias e 1.335 dias, uma diferença de 45 dias, ou um mês e meio. Estes representam o começo e o fim do tempo do fim, ou algo mais? E eles devem ser tomados como dias literais ou entendidos como um dia representando um ano como em Ezequiel 4:6 e possivelmente em outras instâncias proféticas? De qualquer forma, esses números não podem representar o fim dos tempos na Terra se começarem em 168 aC ou 70 dC. Tomar um dia para significar um ano, 1.290 anos e 1.335 anos depois de 168 aC nos levaria apenas a 1132 dC e 1132 dC 1177, respectivamente. Ou, se após 70 dC, isso ainda nos levaria apenas a 1360 dC e 1405 dC, respectivamente. Mas, se eles representam o fim dos tempos na terra, qual evento já passou, se houver, representa o ponto inicial, para que possamos saber que o fim está próximo,

No entanto, se as datas finais mencionadas acima não representam o fim dos tempos, o que elas representam e como podemos saber? Além disso, qual é a "abominação desoladora" que serve como data de início? Adam Clarke sugere o seguinte: "O templo de Adriano, construído no lugar do templo de Deus em Jerusalém [cerca de 135 dC], a igreja de Santa Sofia transformada em uma mesquita muçulmana [1453 dC], etc., etc., pode ser denominado abominações que desolam. Talvez o maometismo seja a abominação, que surgiu em 612 DC. Se contarmos mil duzentos e noventa anos, ver. a partir deste cálculo, que a religião do FALSO PROFETA deixará de prevalecer no mundo, da qual o ano atual, 1825, está distante apenas setenta e sete anos.

Isso foi apenas um "talvez", no entanto, não estabelecido como uma certeza. Mas Straub, em sua Análise Bíblica, páginas 129-32, tem todos os períodos de tempo calculados com precisão, sem nenhum "possivelmente", "talvez" ou "talvez", e chega a uma data final de "cerca de 2370 DC". Assim, agora anexamos uma revisão de seus pronunciamentos, chamando a atenção para as fraquezas e inconsistências.

Capítulo 9

Análise da "Análise"

PRIMEIRO: (1) Ignorar o fato de que as 2.300 "tardes e manhãs" de 8:13-14 poderiam significar 1.150 dias e se referir ao tempo da desolação do santuário e cessação do "holocausto contínuo" entre sua causa por Antíoco Epifânio e sua purificação e restauração de todos os sacrifícios sob a liderança de Judas Macabeu, e (2) igualmente ignorando o testemunho de Josefo (Guerras dos Judeus, I, 1:1) de que Antíoco Epifânio "estragou o templo, e pôs fim à prática constante de oferecer um sacrifício diário de expiação por [apenas] três anos e seis meses", que os 1.150 dias se aproximavam, (3) ele fez com que significassem 2.300 dias com certeza e cada dia representasse positivamente um ano – portanto, 2.300 anos, começando com 170 aC e terminando com 2130 dC. (Esse foi seu primeiro cumprimento; um segundo, segundo Straub, começou com a destruição do templo pelos romanos em 70 dC e terminará em 2370 dC).

(Não precisamos criticar a data anterior de 170 aC em vez de 168 aC usada nestas notas, com base na cronologia de 1 Macabeus. Mas parece para protestar que Straub ignorou o fato da restauração não aceitável a Deus, pois qual não há suporte bíblico citado ou aparentemente disponível, embora ele implique tanto no seguinte).

SEGUNDO: Ele fala de um "Santuário 'Justificado' ou 'Purificado' que é o Cristo", o que é um tanto incongruente. Seu raciocínio é: "A palavra hebraica traduzida como "purificado" (tsadaq) nas versões comuns significa, literalmente, "justo aprovado" ou "justificado". falou como sendo poluído e seus serviços suspensos até que pudesse ser limpo (ou "aprovado justo" ou "justificado", para usar os termos de Straub), 2.300 noites e manhãs depois, ou cerca de 2130 DC, antes dos judeus (e, portanto, qualquer um, para "primeiro o judeu", Romanos 1:16.) pode adorar de forma aceitável por ele! No entanto, essa é a conclusão que segue logicamente da mudança de Straub do que o registro bíblico realmente diz, de modo a equiparar a purificação do templo com a aceitação de Cristo pelos judeus - que é o que ele faz, dizendo: (1) "Não há santuário aprovado predito para eles até que aceitem a Cristo como o verdadeiro e aprovado por Deus ", e (2) que os "2.300 anos terminarão quando os judeus aceitarem o santuário 'justificado' ou 'purificado' que é o Cristo". Isso deve significar que algo está errado com sua exegese.

TERCEIRO: Seus "Períodos de Daniel 12" também parecem arbitrários, confusos e, em alguns aspectos, irreconciliavelmente contraditórios. Straub será citado primeiro, depois nossos comentários seguirão.

1. "Seguindo a rejeição de Cristo pelos judeus" (Rom. 11:8), haverá um período de sua conversão que TERMINA [ênfase adicionada] no 'tempo do fim' do período de 1260 anos (Dan.12 :1-3; Rom. 11:12, 15, 23, 25)."

comentários: Aparentemente, Straub obtém o termo "o tempo do fim" para Daniel 12:1-3 do v.4, e parece que esse texto se aplica ao fim dos tempos na terra quando os mortos são ressuscitados. Mas logo ficará claro que ele não o aplica. (Em vez disso, de acordo com seus cálculos a serem observados imediatamente abaixo, o período de 1.260 anos em consideração terminará por volta de 2130 dC, o que faria com que seu início fosse por volta de 870 dC. Isso também significaria que o período mencionado acima dos judeus conversão, cujo início não é indicado, termina o mais tardar em 2130 DC.)

2. "A 'DESOLAÇÃO' (Dan.12:13-14) também é chamada de "tempo de angústia" (Dan.12:1), portanto TERMINA [ênfase adicionada] no 'tempo do fim' do período (cerca de 2130 DC.)"

Comentário: Indica explicitamente a data acima referida. Mas a passagem a que ele se refere em 12:13-14 (que provavelmente deveria ser 12:11-12, já que não há versículo 14) para a "desolação" que ele menciona, declara sua duração como "mil duzentos e noventa dias". " ou, como Straub calcularia, 1290 anos, que terminariam por volta de 2160 dC, em vez de 30 anos antes, por volta de 2130 dC - uma data que ele não menciona explicitamente. E antes que ele termine, ele terá outro período "terminando por volta de 2370 dC", ou cerca de 110 anos ainda mais tarde.

3. "Entre o final do período de 1.260 anos (um tempo, tempos e meio) (Daniel 12:7-10) e 'o tempo do fim' dos 2.300 anos em consideração, há uma período de conversão dos judeus (Dan. 12:7-10), descrito na linguagem, 'Muitos se purificarão, e se embranquecerão, e serão purificados' (veja Rom.11:15-24). "Depois de apresentar Neste movimento de conversão, Daniel estende o tempo atual para 1290 anos, 'até o tempo do fim' deste período de desolação (Daniel 12:9-11)."

Comentário: Aqui os 1.260 anos de 12:7-10 estão sendo igualados aos de 12:1-3 no nº 1 acima, o que sem dúvida está correto. Mas o restante do que é dito apresenta uma discrepância aparentemente irreconciliável. Ele coloca um intervalo "entre o fim dos 1.260 anos... (Daniel 12:7-10) e 'o tempo do fim' dos 2.300 anos considerados", que diz conter um "período preliminar de conversão dos judeus" (Daniel 12:1-3).

Em outras palavras, o que foi inicialmente declarado como "um período de sua conversão que termina no 'tempo do fim' do período de 1260 anos (Daniel 12:1-3)" agora é considerado "entre" isso e um subsequentemente terminando o período de 2300 anos. (Que, de acordo com o número 2 acima, termina "por volta de 2130 DC") e chamado de "período preliminar de conversão dos judeus (Dan.12:1-3)".

Além disso, na próxima página, 132, é declarado de forma semelhante: "Os 1260 anos de Daniel 12:7 terminam com O INÍCIO DO PERÍODO DE CONVERSÃO DOS JUDEUS (período de 30 anos, conversão dos judeus)". E isso contradiz categoricamente a afirmação de que "deve haver um período de sua conversão que terminará no 'tempo do fim' do período de 1260 anos (Daniel 12:1-3)", repetidamente citado acima, e que terminaria por volta de 2100 DC, de acordo com os cálculos anteriores de Straub.

Em seguida, Straub diz que Daniel "estende o tempo real para 1.290 anos, 'até o tempo do fim' deste período de desolação, ou simplesmente uma extensão do número 2 acima. Mas presumimos que ele se refira ao último. de 30 anos, presumimos ser sua justificativa para limitar o período "preliminar" ou "inicial" da conversão dos judeus a 30 anos.

Mas, se isso foi de fato uma extensão dos 1.260 anos para 1.290 anos, por que não considerar que qualquer que seja o período de sua conversão que "termina" no "tempo do fim" do período de 1.260 anos de "Daniel 12: 1-3" também é estendido por 30 anos em vez de movido e limitado a essa extensão de 30 anos? Isso pelo menos evitaria a confusão e a discrepância observadas. Também estaria de acordo com sua declaração da seguinte forma: "Depois de apresentar este movimento de conversão, Daniel estende o tempo real para 1290 anos." "Tempo atual" de quê, senão do "movimento de conversão"?

4. "Ainda no assunto da conversão dos judeus, Daniel estende o tempo para 1335 anos, 45 anos depois do 'tempo do fim', para um evento sem nome relacionado ao assunto. Isso terminaria por volta de 2175 dC (Dan.12:12-13).

"Todo o período caracterizado pela conversão dos judeus abrange cerca de 75 anos."

Comentário: Vale a pena repetir que, se tudo o que foi dito acima deve somar o total de apenas 75 anos de conversão dos judeus, Straub não dá nenhuma justificativa adequada para isso. Por que não começar com o número "X" de anos antes do "tempo do fim" do período de 1.260 anos de Daniel 12:1-3, e estender isso pelos 30 anos que ele afirma, seguidos pelos próximos 45 anos que ele estabelece adiante, perfazendo um total de 75 anos mais "X"?

Novamente, não parece estranho que em uma única visão (capítulos 10-12) e mesmo em um único capítulo (12), deva haver um período de um determinado caráter e propósito profetizado (os 3 anos e meio interpretados por Straub como representando 1.260 anos proféticos) e então, de acordo com Straub, estendem-se imediatamente duas vezes, para 1.290 e 1.335 anos, respectivamente? As duas primeiras figuras estavam erradas, ou o Senhor, que estava fornecendo a informação que estava sendo comunicada a Daniel, mudou de ideia duas vezes em rápida sucessão? Ou uma interpretação diferente da de Straub é mais provável?

QUARTO: "Cristo apresenta um segundo cumprimento da 'abominação da desolação anunciada pelo profeta Daniel' (Mateus 24:15), datando da queda de Jerusalém por Tito em 70 dC, terminando por volta de 2370 dC.

"Quando os judeus procuraram restaurar o serviço do santuário, era bastante natural que um segundo cumprimento se seguisse como a derrota providencial de seus planos. Não há santuário aprovado predito para eles até que aceitem a Cristo como o verdadeiro e aprovado por Deus."

Comentário: De acordo com o exposto, Cristo cancelou tudo o que foi dito anteriormente a Daniel e interpretado com confiança e meticulosamente por Straub, pois ele estendeu a desolação por mais 195 anos, ou até 2370 DC. De acordo com Straub, a desolação termina com os judeus 'aceitação de Cristo como o "santuário aprovado", mas não termina até cerca de 2370 DC, que seria, portanto, sobre o tempo de sua aceitação.

O que devemos fazer com todas essas revisões proféticas, se isso é realmente o que são? Com todos os problemas que a interpretação primorosamente elaborada de Straub apresenta, parece mais provável que ele simplesmente tenha lido muito no texto bíblico sem a intenção divina e, além disso, se contradisse irremediavelmente. Tal, no entanto, não é um fenômeno incomum nas relações de homens não inspirados com profecias não cumpridas. Certamente cabe a nós mesmos tomar cuidado com o dogmatismo e desconfiar de esquemas altamente estruturados de outros em tais áreas.

FINALMENTE, pode ser que tenhamos que esperar junto com Daniel até o tempo do fim último antes de podermos entender precisa e completamente o significado de tudo o que está escrito em sua narrativa. Mas podemos entender o suficiente para saber que, para sermos aceitos por Deus, temos de ser leais a ele e estar dispostos a morrer, se necessário, em vez de comprometer nossa lealdade. Pois esta vida não termina tudo, mas deve haver uma ressurreição "para a vida eterna" ou "para vergonha e desprezo eterno" (12:2), dependendo de nossa resposta a Deus.

